

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**SANTIAGO BRETANHA FREITAS**

**ANÁLISE DISCURSIVA DE INFOGRÁFICO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:  
EXERCÍCIO CONCEITUAL-METODOLÓGICO**

**Jaguarão**

**2017**

**SANTIAGO BRETANHA FREITAS**

**ANÁLISE DISCURSIVA DE INFOGRÁFICO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:  
EXERCÍCIO CONCEITUAL-METODOLÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Universidade Federal do Pampa, Câmpus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Silveira da Silva.

**Jaguarão**

**2017**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

B844a Bretanha, Santiago Freitas

Análise discursiva de infográfico de divulgação científica: exercício conceitual-metodológico / Santiago Freitas Bretanha.

64 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2017.

"Orientação: Renata Silveira da Silva".

1. Análise de Discurso. 2. Infográficos. 3. Discurso de Divulgação Científica. I. Título.

SANTIAGO BRETANHA FREITAS

**ANÁLISE DISCURSIVA DE INFOGRÁFICO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:  
EXERCÍCIO CONCEITUAL-METODOLÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Universidade Federal do Pampa, Câmpus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 09/01/17  
Banca examinadora:



---

Profa. Dra. Renata Silveira da Silva  
Orientadora  
UNIPAMPA



---

Profa. Dra. Ida Maria Morales Marins  
UNIPAMPA



---

Profa. Ma. Nathalia Madeira Araujo  
UCPEL



## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

À CAPES, à SESu/MEC e à Unipampa, pelas bolsas concedidas durante a graduação;

À professora Renata Silva, pela orientação dedicada, delicada e afetuosa; quero ser como Renata quando eu crescer. Espero, um dia, poder retribuir sua generosidade.

À minha mãe, pelas noites mal dormidas, pelas preocupações, pelo respaldo emocional, pela compreensão, por ter acompanhado cada palavra inscrita neste trabalho e em cada ensaio, cada artigo, cada prova. Meu êxito se deve aos teus esforços infintos como mãe, mulher forte e guerreira. O filho da empregada ganha título universitário, e ingressa na pós-graduação, para o espanto da casa grande.

Ao meu padrasto Eduardo, ao meu tio-avô Patacão e à minha irmã Bibiana, minha família. Obrigado pela ternura, e por terem acompanhado minha trajetória.

Às minhas queridas amigas Millaine, Virgínia e Nathalia. Amo vocês!

Millaine, por me aturar há seis anos, desde o pré-vestibular; tua autenticidade, companheirismo e ‘Ubarrarrá’ são as demonstrações mais nobres de uma amizade verdadeira.

Virgínia, minha mãe, pelo carinho que me dedicas; construí junto contigo cada momento da minha graduação, sonhamos juntos o mestrado, sofremos juntos a ânsia pela escrita de nossos TCCs e de suas defesas, comemos bergamotas e balas de ursinho; és o melhor presente que a Unipampa me deu.

À Nathalia, pela amabilidade e pelos conselhos, bens preciosos; compartilhamos sonhos juntos e aprendi, muito, com as tuas valiosas explicações sobre AD.

À Virgínia, pela revisão cuidadosa do trabalho.

Às professoras Ida Marins e Nathalia Madeira por aceitarem o convite de integrar a banca de avaliação deste TCC, assim como agradeço, de antemão, pelas valiosas contribuições que muito enriquecerão o trabalho.

Às professoras Renata Silva, Adriana Bodolay, Ana Boessio, Ida Marins, Luciana Domingo, Denise Moser e Leonor Simioni, pelos ensinamentos e pelo exemplo de uma docência humana e comprometida.

Ao meu moço, Renan. Obrigado por ter me acompanhado pelas madrugadas insones e por ser compreensivo com as faltas. Como te disse, em outra oportunidade, te ter ao meu lado nesse momento conturbado (de encerramento do curso) foi imprescindível para que eu me mantivesse perseverante. Cada mate servido foi um gesto de carinho imenso.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – nó borromeano.....	16
<b>Figura 2</b> - infográfico <i>GPS do prazer feminino</i> .....	22
<b>Figura 3</b> – <i>click-link-zoom</i> .....	23
<b>Figura 4</b> - <i>funil</i> .....	23
<b>Figura 5</b> – <i>zig-zag</i> .....	23
<b>Figura 6</b> - movimento de esquematização.....	37
<b>Figura 7</b> - links em <b>ii</b> e <b>iii</b> .....	39
<b>Figura 8</b> - formulações <b>c, i, ii, iii, iv, v, vi, vii</b> e <b>viii</b> .....	40
<b>Figura 9</b> - <i>click-zoom</i> .....	41
<b>Figura 10</b> - <b>SDR 1</b> .....	43
<b>Figura 11</b> - <b>SD 1</b> .....	43
<b>Figura 12</b> - <b>SDR 2, SDR 3</b> e <b>SDR 4</b> .....	44
<b>Figura 13</b> - <b>SD 2</b> .....	44

## LISTA DE SIGLAS

AD – Análise de Discurso

C&T – Ciência e Tecnologia

DDC – Discurso de Divulgação Científica

DC – Divulgação Científica

D1 – Discurso-fonte

D2 – Discurso segundo

FD – Formação Discursiva

FI – Formação Ideológica

FIm – Formação Imaginária

FV – Formulação Visual

IMC – Índice de Massa Corporal

SD – Secção Discursiva

SDR – Sequência Discursiva de Referência

sd – Subsecção Discursiva



## RESUMO

Em Bretanha e Silva (2016), a partir de um levantamento do estado da arte de leituras de infográficos em Análise de Discurso (AD), apontamos “para a necessidade de que seja construído um dispositivo de análise que abranja o caráter multimaterial dos infográficos” (p. 332), o que reafirma a visão de Nunes (2012), a de que são costumazes os estudos que tratam da produção de infográficos, porém, são restritos os que refletem acerca da sua prática de leitura. Frente à dúplici demanda apresentada acima, objetivamos realizar um exercício conceitual-metodológico de leitura da materialidade infografada a partir dos pressupostos epistemológicos da AD de filiação pècheuxtiana, tal como vem sendo desenvolvida no Brasil; nos distanciamos, dessarte, da pretensão de construir um dispositivo de análise. Para tal, nos ancoramos nos dispositivos de análise de Nunes (2012), voltado à geometrização do dizer, e de Quevedo (2012), dedicado ao estudo da imagem e de textos sincréticos sob a ótica discursiva. O *corpus* eleito foi o infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo*, representativo do repositório de infográficos do IG; devido às particularidades da materialidade em análise, foi necessário mobilizar os conceitos de arquivo e Discurso de Divulgação Científica (DDC). A partir das análises, com base em Nunes (2012), foram destacados movimentos de esquematização em *zig-zag* e *click-link-zoom* e formulação espacial em *funil* da materialidade infografada, o que constitui a geometrização do dizer. De mesmo modo, a partir de Quevedo (2012), atentamos, por exemplo, à contradição entre diferentes formações discursivas na heterogeneidade mostrada, assim como à memória visual sobre o corpo obeso mobilizadas por diferentes Secções discursivas e Sequências Discursivas de Referência. Por meio do estudo comparativo entre os dispositivos de análise dos respectivos autores, depreendemos que atentar apenas à formulação da geometrização do dizer relega à margem a exterioridade do discurso, e, assim, aos efeitos de sentido dela decorrentes. Por sua vez, embasar o gesto de leitura pelo viés da gestão dos sentidos do texto sincrético nos possibilitou transcender o intradiscurso e transitar entre a formulação visual e a formulação verbal, bem como acessar o interdiscurso e as formações discursivas.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Infográficos. Discurso de Divulgação Científica.

## RESUMEN

En Bretanha y Silva (2016), por medio de un alzamiento del estado del arte de lecturas de infográficos en Análisis de Discurso (AD), apuntamos “para la necesidad de que sea construido un dispositivo de análisis que comprenda el carácter multimaterial de las infografías” (p. 332); eso reafirma la visión de Nunes (2012), de que son comunes los estudios que tratan de la producción de infografías, sin embargo, son restrictos los que reflexionan acerca de su práctica de lectura. Frente a la dúplice demanda presentada anteriormente, objetivamos realizar un ejercicio conceptual-metodológico de lectura de la materialidad infografada a partir de los presupuestos epistemológicos de la AD de filiación francesa, tal como es desarrollada en Brasil; nos alejamos, de esa manera, de la pretención de construir un dispositivo de análisis. Para tal, nos ancoramos en los dispositivos de análisis de Nunes (2012), dedicado a la geometrización del decir, y de Quevedo (2012), consagrado al estudio de la imagen y de textos sincréticos bajo una mirada discursiva. El *corpus* elegido fue la infografía *Entenda como a obesidade afeta o seu corpo*, representativo del repositorio de infografías del IG; debido a las particularidades de la materialidad en análisis, fue necesario movilizar los conceptos de archivo y Discurso de Divulgación Científica (DDC). A partir de los análisis, subrayamos movimientos de esquematización en *zig-zag* y *click-link-zoom* y formulación espacial en *funil* de la materialidad infografada, que constituyen la geometrización del decir. De misma manera, atentamos a la contradicción entre distintas Formaciones Discursivas en la heterogeneidad mostrada, bien como a la memoria visual sobre el cuerpo obeso movilizadas por diferentes Secciones Discursivas y Secuencias Discursivas de Referencia. Por medio del estudio comparativo entre los dispositivos de análisis de los respectivos autores, deprendemos que atender apenas a la formulación de la geometrización del decir relega al borde la exterioridad del discurso, y, así, a los efectos de sentidos de ella decurrentes. Por su vez, basar el gesto de lectura por la perspectiva de la gestión de los sentidos nos permitió trascender el intradiscurso y transitar entre la formulación visual y la formulación verbal, bien como acceder al interdiscurso y a las formaciones discursivas.

Palavras clave: Análisis de Discurso. Infografías. Discurso de Divulgación Científica.

## SUMÁRIO

<b>À GUIA DE INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 PRINCÍPIOS TEÓRICOS.....</b>	<b>14</b>
1.1 ANÁLISE DE DISCURSO.....	14
1.2 LEITURA DE INFOGRÁFICOS E DE IMAGEM NA AD.....	20
<b>2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: CIRCULAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO INFOGRÁFICO.....</b>	<b>26</b>
2.1 CIRCULAÇÃO: REPOSITÓRIO DE INFOGRÁFICOS DO IG.....	26
2.2 CONSTITUIÇÃO: CORPO E OBESIDADE NO DDC.....	30
<b>3 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....</b>	<b>35</b>
3.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	35
3.2 A GEOMETRIZAÇÃO DO DIZER NO DISCURSO DO INFOGRÁFICO.....	36
3.3 DO GESTO DE REPARAR A(À) GESTÃO DOS SENTIDOS.....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>56</b>
ANEXO 1 – LÂMINA 1.....	56
ANEXO 2 – LÂMINA 2.....	57
ANEXO 3 – LÂMINA 3.....	58
ANEXO 4 – LÂMINA 4.....	59
ANEXO 5 – LÂMINA 5.....	60
ANEXO 6 – LÂMINA 6.....	61
ANEXO 7 – LÂMINA 7.....	62
ANEXO 8 – LÂMINA 8.....	63
ANEXO 9 – LÂMINA 9.....	64

## À GUISA DE INTRODUÇÃO

Em *Textualidades multimateriais: a produção dos sentidos no discurso do infográfico* (BRETANHA; SILVA, 2016, p. 332) apresentávamos, em ocasião do XII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, os resultados preliminares das atividades de iniciação científica realizadas no âmbito do projeto de pesquisa *Texto, Teorias e Ensino*, integrado ao PET Letras da Universidade Federal do Pampa, Câmpus Jaguarão, e do projeto de pesquisa *Grupo de Estudos em Análise de Discurso* (GEAD), também vinculado à referida instituição. Nesse primeiro momento, problematizamos a imbricação de distintas materialidades significantes na operacionalização dos sentidos em textualidades infografadas, pautados em uma revisão bibliográfica de cunho exploratório.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) propõe-se a dar continuidade à investigação iniciada em 2015 e desenvolvida em 2016; ou, melhor, lhe é a materialização. Frisamos que a pesquisa está em fase de desenvolvimento: encerrá-la seria auferir-lhe uma unidade, e, logo, um início, um meio e um fim; nos é impossível precisar onde está, e se há, o fio que instaura o interesse pela leitura discursiva de infográficos, assim como estamos a uma distância inimaginável de alcançar sua outra ponta, e a uma distância maior ainda de conseguir ponderar a sua existência. Althusser (1978), se referenciando à concepção de história em Marx, afirma que ela é um “processo sem Sujeito nem Fim(s)”, Sujeito entendido como a origem do processo; a partir da noção de Althusser, constatamos que o fazer científico também não é um caminho plano, ou acabado: “ao contrário, sempre tortuoso e deslizante, um verdadeiro “processo sem início nem fim” (FERREIRA, 2008, p. 13).

Nosso interesse pelo infográfico enquanto *corpus* parte de uma preocupação primeira, a de entender os efeitos de sentido mobilizados pelos textos sincréticos, sejam eles a hibridação entre o verbal e o visual, ou o verbal, o visual e o movimento. De mesmo modo, nos interessamos pelo infográfico frente a sua ampla circulação em diferentes espaços discursivos, que vão desde o campo midiático e político, até o pedagógico.

Em Bretanha e Silva (2016), a partir de um levantamento do estado da arte de leituras de infográficos em Análise de Discurso (AD), apontamos “para a necessidade de que seja construído um dispositivo de análise que abranja o caráter multimaterial dos infográficos” (p. 332), o que reafirma a visão de Nunes (2012), a de que são costumazes os estudos que tratam da produção de infográficos, porém, são restritos os que refletem acerca da sua prática de leitura.

Frente à dúplice demanda apresentada no parágrafo anterior, pretendemos, aqui, realizar um exercício conceitual-metodológico de leitura da materialidade infografada a partir dos pressupostos epistemológicos da AD de filiação pècheuxtiana, tal como vem sendo desenvolvida no Brasil. Nos distanciamos, dessarte, da pretensão de construir um dispositivo de análise que dê conta da formulação intradiscursiva dos infográficos e da memória discursiva que mobilizam. Nos distanciamos porque assumimos os limites teórico-reflexivos de um TCC, assim como de nossas leituras, ainda insipientes, em vias de amadurecimento.

Frente a isso, seguimos o mote de Bernardo de Chartre, referente ao fazer científico: *somos como anões aos ombros de gigantes, pois podemos ver mais coisas do que eles e mais distantes, não devido à acuidade da nossa vista ou à altura do nosso corpo, mas porque somos mantidos e elevados pela estatura de gigantes*. Os gigantes sobre os quais nos erguemos são Nunes e Quevedo. Nunes (2012), em sua tese de doutorado, se ocupa da geometrização do dizer no discurso do infográfico, isso é, atenta, especificamente, ao seu intradiscorso; visto, em nossas análises, que o dispositivo de análise da referida autora não engloba a exterioridade dos discursos em análise, e os efeitos de sentidos dela decorrentes, buscamos na dissertação de Quevedo (2012) uma alternativa para o estudo da materialidade sincrética, que parte dos pressupostos da análise de imagem a partir, restritamente, dos princípios da AD. Há nuances que distinguem a operacionalização teórica dos autores, a serem apresentadas em seção oportuna.

O *corpus* eleito por nós para ser analisado compõe um infográfico representativo do repositório de infográficos do Portal do IG, de outros 318, plataforma midiática que concatena 109 sites sobre as mais diversas temáticas. Sob o título *Entenda como a obesidade afeta seu corpo*, e inserido na seção ‘Saúde’ do arquivo, a materialidade constitui-se como um texto de Divulgação Científica sobre a sintomalogia da obesidade no corpo, reformulando, para isso, discursos-fonte de instituições como a ABESO (Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade) e ASO (*Association for the Study of Obesity*). Observamos duas marcas constitutivas para efetuar a seleção do *corpus*: primeira, a da formulação verbal e imagética; segunda, a de explicitar o Discurso-fonte que está sendo reformulado em seu enunciado. O primeiro elemento diz respeito à constituição material do infográfico, que opera pela articulação imagem/escrita, ao passo que o segundo elemento caracteriza a heterogeneidade mostrada que, segundo Authier-Revuz (1999), é uma regularidade do Discurso de Divulgação Científica (DDC).

Para alcançar nosso propósito, especificamente, nos preocupamos em: apresentar, de maneira sucinta, os princípios teóricos que nos são basilares, visando, em *stricto*, à questão da

leitura de infográficos e de imagem na AD; desvelar as condições de produção do *corpus* em análise, atentando à sua constituição e à sua circulação, recuperando, para isso, as noções de arquivo e DDC em AD; operar recorte no *corpus*, através da escolha de Formulações Visuais, Secções Discursivas e Sequências Discursivas de Referência representativas; e, por fim, exercitar a leitura do *corpus* a partir dos construto conceitual-metodológico de Nunes, voltado à geometrização do dizer, e de Quevedo, dedicado a “reparar a (à) gestão dos sentidos”.

Com vistas a este procedimento “metodológico”, nosso trabalho organiza-se em três seções, somadas a esta pretensa introdução e às considerações finais. Distinguem-se: *1 Princípios teóricos*, subdividida em *1.1 Análise de Discurso* e *1.2 Leitura de infográficos e de imagem na AD*; *2 Condições de produção: circulação e constituição do infográfico*, subdividida em *2.1 Circulação: repositório de infográficos do IG* e *2.2 Constituição: corpo e obesidade no DDC*; e, *3 Análise do corpus*, subdividida em *3.1 Considerações preliminares*, *3.2 A Geometrização do Dizer no discurso do infográfico* e *3.3 Do gesto de reparar a (à) gestão dos sentidos*.

## 1 PRINCÍPIOS TEÓRICOS

### 1.1 ANÁLISE DE DISCURSO

Em seu texto *A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade*, Orlandi (2010) traz à tona uma metáfora empregada por Valter Benjamin, em sua VII tese, e que nos é muito cara. Segundo Benjamin, seu trabalho, enquanto historiador, é o de “escovar a história a contrapelo”, construir uma narrativa histórica alternativa à tradicional, concebida sob a mirada dos vencidos. Não é acaso Orlandi mobilizar essa alegoria; a AD, *locus* epistemológico no qual se insere a referida autora, assim como a teoria da história benjaminiana, se propõe a escovar a contrapelo; seja a história, sejam os discursos.

Tendo por baluarte Michel Pêcheux (1938-1983), a AD (in)surge na França entre os anos finais da década de 60 e os primeiros anos da década de 70, assumindo como seu objeto de estudo o discurso, perspectiva dissidente do estruturalismo saussuriano que outorgava à linguística o estatuto de uma ciência da língua em detrimento da fala. Compreendido como “efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1990, p. 82), o discurso é a instância em que estão imbricados o sujeito, a língua e a história; e, como a AD se detém em analisar estes efeitos de sentido, a teoria institui-se como uma disciplina de entre-lugar, (inter)relacionando três campos do saber, a distinguir: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

Considerar estes domínios de conhecimento como substrato de uma teoria discursivo-analítica presume operar em três dimensões: primeira, a da língua enquanto viés pelo qual se materializam os discursos; segunda, a da interpelação histórico-social e ideológica dos sujeitos, e dos discursos; e, terceira, a do sujeito fragmentado pelo consciente/inconsciente e pela memória/esquecimento.

Assim sendo, diante dessa visão, o conceito de língua ocupa um sentido particular, distanciado da noção de “sistema de signos socialmente convencionado” empregada por Saussure. A AD opera com língua e discurso a partir da aceção de que nem o discurso é entendido “como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos” (ORLANDI, 2015, p. 20).

De acordo com Orlandi (2015), a língua é “condição de possibilidade do discurso” (p. 20), mesmo que a fronteira entre língua e discurso seja posta em xeque a cada prática discursiva – “as sistematicidades não existem sob a forma de um bloco homogêneo de regras organizado à maneira de uma máquina lógica”. Ainda, de acordo com a autora, o liame entre língua e

discurso é da ordem do recobrimento. Não é possível identificar, e não há, uma cisão rija entre os dois.

Se compreendemos língua como a “condição de possibilidade do discurso”, o texto é-lhe a materialização, e, por sua vez, um efeito de textualização. Cazarin (2005), partindo dessa afirmação, primariamente tratada por Orlandi, assevera que “[e]mbora o objeto de estudo da AD seja o discurso, é o texto que se constitui como unidade de análise. Mais precisamente é através de uma dispersão de textos que se chega ao discurso” (p. 230). Assim, se dá um câmbio paradigmático, e epistêmico, no que se refere ao objeto de estudo ‘língua’, adotado pela linguística moderna; em AD, ela, a língua, “se materializa no texto, tomado como unidade de análise do discurso (objeto de estudo da AD)” (p. 230).

Nessa conjuntura, nem o texto, e tampouco o discurso, podem ser considerados enquanto aglomerado de frases passíveis de múltiplas significações. São processos que se estabelecem nas/pelas distintas conjunturas histórico-sociais. Retomando a premissa de Pêcheux, de discurso como efeito de sentido entre interlocutores, se fazem necessárias algumas ponderações, principalmente acerca da noção de sentido, que baliza a AD enquanto uma teoria da interpretação.

Para Orlandi, são tênues as linhas que relacionam sujeito e sentido, acometidas pela língua, pela história e pelas ideologias; para além disso, eles se inauguram reciprocamente, “ao produzir sentido, o sujeito se produz, ou melhor, o sujeito se produz, produzindo sentido” (ORLANDI, 2004, p. 56-57). Dessarte, não há um sentido literal, sentido já-lá, pré-estabelecido entre as palavras e as coisas; é ideologicamente determinado e social e historicamente constituído. Logo, o sentido é efeito de discurso, não transparente.

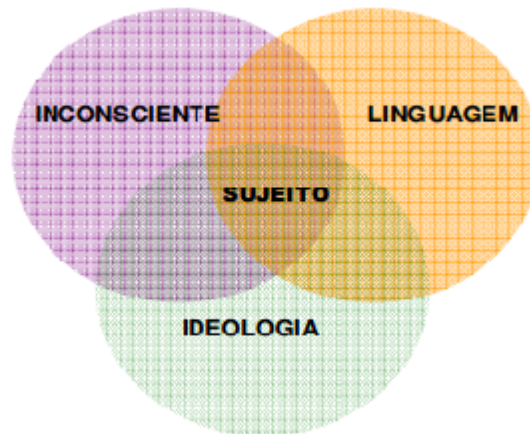
Como a noção de sentido em AD é estabelecida em função do sujeito, cabe também contextualizá-lo teoricamente. Em AD desconsidera-se o sujeito ideal e o sujeito universal, assim como o sujeito cartesiano positivista, investido de soberana racionalidade e consciência; o sujeito da AD não é o centro do dizer, e menos ainda sua origem, é descentrado, instável, determinado pelo inconsciente e pelas ideologias.

Cabe salientar que o sujeito da AD não é uma transposição conceitual do sujeito da psicanálise, nem o sujeito ideológico do materialismo dialético, e tampouco o ajuntamento de ambos; na visão discursiva o sujeito é tomada de posição. Ferreira (2010), se debruçando sobre a temática, faz uso do nó borromeano, uma figura topográfica, para ilustrar “o lugar do sujeito na trama do discurso” (p. 17). Nas palavras da autora, a metáfora, empregada primeiramente por Lacan, é constituída por três círculos, entrelaçados, que formam uma aliança tríplice; “[r]etirando-se um desses anéis os outros dois ficariam soltos e perderiam a interligação



constitutiva” (p. 17), o que leva Ferreira a constatar que “[o] que os sustenta, então, precisamente, é esse laço de interdependência que os estrutura solidariamente” (p. 17).

**Figura 1** - nó borromeano



Fonte: Ferreira (2010, p.22)

Na alegoria, o primeiro anel representa o inconsciente, o segundo a linguagem, e o terceiro a ideologia, ao passo que o sujeito é o entremeio dos três. “O sujeito estaria assim sendo afetado, simultaneamente, por essas três ordens e deixando em cada uma delas um furo, como é próprio da estrutura de um ser-em-falta” (FERREIRA, 2010, p. 2010). Esses furos seriam o do **equivoco**, o da **contradição** e o do **inconsciente**, revelados, respectivamente, pela relação entre o sujeito e a linguagem, o sujeito e a ideologia e o sujeito e sua constituição psíquica, expressa pelo inconsciente e que é campo de trabalho da psicanálise. Por essa tríplice aliança operar em contínuo, não há a prevalência, ou a sobreposição, de um anel sobre o outro: é um nodo sem pontas.

A partir dessas noções básicas, que compõem o substrato da AD, constitui-se uma trama de conceitos que devem ser mobilizados pelo analista de discurso na construção de seu dispositivo de análise, atentando às especificidades de seu *corpus*. Nesse processo de constituir o *corpus* discursivo, por meio da dessuperficialização do *corpus* empírico, o analista precisa atender a duas dimensões do discurso, a da sua exterioridade e do seu interior; na primeira dimensão temos o eixo da memória discursiva, dos já-ditos, o interdiscurso, ao passo que na segunda temos o eixo da formulação material, o que se está dizendo, o intradiscurso. Baseando-se nos estudos de Courtine (apud ORLANDI, 2015), Orlandi trata da diferença entre as duas noções considerando a constituição do sentido e de sua formulação; logo,

o que estamos chamando de interdiscurso - representado como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já-ditos - e esquecidos – e uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal - o intradiscurso - que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas. (ORLANDI, 2015, p. 30-31).

A partir da discussão de Orlandi acerca do intra e do interdiscurso, são mobilizados outros conceitos de suma relevância em AD, os de memória discursiva (e esquecimentos) e de formações ideológicas, formações discursivas e formações imaginárias. Acerca do primeiro conceito, Pêcheux (1999, p. 52) situa

[a] memória discursiva [como] aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

Frente à conceptualização de Pêcheux, Orlandi (2015) elucida que “para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso” (p. 31). Para tanto, “é preciso que o que foi dito por um sujeito específico em um momento particular se apague da memória para que, passando para o anonimato, possa fazer sentido em minhas palavras” (p. 31-32).

A memória discursiva constitui-se, assim, por lembranças e esquecimentos. Para Orlandi, são distinguíveis duas formas de esquecimento, preconizadas por Pêcheux (2014) em *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*: o esquecimento nº 1, da ordem do inconsciente; e o esquecimento nº 2, da instância da enunciação. Segundo a autora, (2015) o esquecimento nº 1, também referenciado como esquecimento ideológico, “resulta do modo como somos afetados pela ideologia. Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do dizer, quando, na realidade, retomamos sentidos preexistentes” (p. 33). Ainda segundo a analista do discurso, o esquecimento nº 2 “produz em nós a impressão da realidade do pensamento” (p. 33); “ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outras, e, ao longo do nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (p. 33).

Abordada a questão da memória, e dos esquecimentos, em AD, passaremos a tratar de outras noções basilares, esclarecidas por Orlandi, advindas da determinação histórico-social e ideológica da constituição dos sentidos, ou melhor, dos efeitos de sentido; são elas: as formações ideológicas (FI), as formações discursivas (FD) e as formações imaginárias (FIIm). Em Pêcheux (2014), o sintagma formação ideológica é empregado

para caracterizar um elemento suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras. (p. 147).

Na perspectiva de Pêcheux, recuperada por Orlandi (2015), a forma como as posições sociais e posições de classe são organizadas em um espaço discursivo institui a noção de FI, ao passo que essas FI se conformam em diferentes FD, entendidas “como aquilo que numa formação ideológica dada [...] determina o que pode ser dito” (p. 41); ainda, para a autora, as FD podem ser compreendidas como “regionalizações” do interdiscurso, isto é, “o interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra” (p. 41).

Diante do que foi até aqui exposto, é depreensível que a AD atenta ao interior e à exterioridade do discurso. Nesse ínterim, o conceito de condições de produção é fundamental para a compreensão da exterioridade, visto que ele “compreende fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2015, p. 28), e, ainda, a memória. É possível compreender as condições de produção em *lato* e *stricto sensu*; em *stricto sensu* temos as condições de produção imediatas, e em *lato sensu* as condições de produção sócio-históricas.

Para Orlandi (2015), as condições de produção funcionam de acordo com determinados fatores, sendo um deles o das relações de sentido; essa noção coloca em evidência que “não há discursos que não se relacionem com outros” (p. 37), “um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (p. 37). De outro lado, opera o mecanismo de antecipação, que se refere à capacidade de todo sujeito de colocar-se simbolicamente no lugar do interlocutor que ‘recebe’ seu discurso. Ainda se tem a denominada relação de forças, que permite dizer que “o lugar do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, p. 37); essa conceptualização reafirma o mote de que em AD “sujeito é tomada de posição”, posição enquanto lugar de fala hierarquizado socialmente que faz valer as relações de poder na interlocução. Esses mecanismos, o das relações de sentido, das relações de força e da antecipação, repousam no que denominamos formações imaginárias.

Diante das formações imaginárias, desconsidera-se o sujeito e o lugar empírico *per se*, quer dizer, sujeito e lugar são socialmente inscritos, entretanto suas imagens derivam de projeções, e são essas projeções que possibilitam transcender o sujeito das situações empíricas

para as posições do sujeito do discurso. Orlandi (2015) ratifica essa última assertiva ao salientar que

[em] toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já dito). (p. 38).

Ao abordar as posições sujeito, Pêcheux (2014) as trata de acordo com o seu grau de (des)identificação com determinada FD, dado o princípio de que os indivíduos são “‘interpelados’ em sujeitos de seu discurso, pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (p. 147). Diante disso, Pêcheux identifica três modalidades de tomada de posição: primeira, a do sujeito do discurso que se superpõe ao Sujeito (forma-sujeito histórica), o bom sujeito; segunda, a do sujeito que contesta a forma-sujeito, o mau sujeito – contestação no seio da própria FD; e, por fim, a do sujeito que se desidentifica com a forma-sujeito, rompendo com a FD na qual estava inscrito; se identifica com outro domínio de saber e nele passa a se inscrever.

Diante do que tratamos acerca das modalidades de tomada de posição, faz-se necessário pensar as relações de interlocução entre os sujeitos na produção do discurso. Orlandi (2003b), refletindo sobre a linguagem e seu funcionamento, trata do conceito de reversibilidade como “a dinâmica da tomada da palavra” (2003b, p. 239). Essa noção é fundamental para que se compreenda a tipologia discursiva, articulada por/entre a dinâmica da tomada da palavra, a manutenção e previsibilidade do dizer (paráfrase) e a emergência da multiplicidade dos sentidos (polissemia)<sup>1</sup>.

Para Baalbaki,

[a] tipologia do discurso é entendida como um princípio organizador que, ao distanciar-se de determinações empíricas, generaliza certas características discursivas, como também reúne determinadas propriedades e distingue classes. Cumpre ressaltar que o tipo só pode ser entendido em relação ao funcionamento discursivo – definido como a ‘atividade estruturante de um discurso determinado’[...]. (2010, p. 28).

---

<sup>1</sup> Para Baalbaki (2010, p. 28), para além da reversibilidade, da polissemia e da paráfrase, “a distinção entre os três tipos deriva de critérios discursivos: as condições de produção; as relações entre os interlocutores; entre os interlocutores em relação à constituição do referente (objeto do discurso); a interação entre os interlocutores; e a tensão entre os processos de paráfrase e polissemia - processos determinantes na estruturação do funcionamento do discurso”.

Dessarte, as tipologias discursivas são distinguidas em três tipos de discurso: o lúdico, o polêmico e o autoritário; essa distribuição se dá a partir da observância de duas dimensões basilares: primeira, a da reversibilidade; e, segunda, a da tensão entre paráfrase e polissemia. No discurso lúdico há a predominância da polissemia e a reversibilidade é total; no discurso polêmico a polissemia é controlada, negociada, e a reversibilidade se dá em certas condições; já no discurso autoritário há a predominância da paráfrase e a reversibilidade tende a zero.

Os princípios teóricos até aqui recuperados são-nos de grande valia, uma vez que serão pressuposto de nosso exercício teórico-analítico e viés fundamental para a compreensão do estado da arte nos estudos do discurso voltados à análise de infográficos. Assim sendo, na continuação dessa seção, nos dedicaremos a recuperar as investigações de Nunes (2012) sobre a geometrização do dizer no discurso do infográfico, e, por motivos outros que explicitaremos mais adiante, o estudo da imagem à luz da AD proposto por Quevedo (2012).

## 1.2 LEITURA DE INFOGRÁFICOS E DE IMAGEM NA AD

Em uma visão genérica, os infográficos são compreendidos como “artefatos produzidos no intuito de **comunicar uma mensagem** que **compõe uma interpretação de dados** quantitativos, espaciais, narrativos e/ou cronológicos” (CARVALHO; ARAGÃO, 2012, p. 166, grifos nossos), “**contextualizados visualmente** através da integração de texto, imagens e/ou formas” (p. 166, grifos nossos). Logo, os discursos sobre o infográfico pautam-se por uma noção de língua enquanto instrumento de comunicação, na qual estão imbricados os discursos da informação.

Tais textualidades, primariamente utilizadas no meio jornalístico, circulam, hoje, nos mais diversos espaços discursivos; embora não concordemos epistemologicamente com a definição apresentada acima, pautada na ótica do *design* visual, ainda se faz importante relevá-la pois nela estão imbricados três imaginários: **primeiro**, o de que os infográficos comunicam uma mensagem - a língua é entendida como meio de comunicação, e, nesse contexto, as mensagens são homogêneas, plenas, atreladas à contenção dos sentidos; **segundo**, os infográficos são interpretações de dados - são textos que sintetizam, esquematizam, especificam, ordenam (etc.) informações de um texto X em uma formulação infografada Y; **terceiro**, os infográficos são uma contextualização visual - a imagem possui estatuto ilustrativo em relação à escrita.

Para Nunes (2012), estes imaginários são alicerces que sustentam a formulação dos infográficos; a partir das ideias da autora, e atentando ao viés da AD, buscamos contrapô-los:

de um lado tem-se a contenção dos sentidos, porém, de outro se instauram o equívoco, o deslize, as brechas: a língua é, também, lugar do heterogêneo (contraposição ao primeiro imaginário); as “sintetizações, esquematizações, especificações” falham pelos esquecimentos (contraposição ao segundo imaginário); e, frente à dessuperficialização de seus sentidos, a imagem irrompe como materialidade significativa (contraposição ao terceiro imaginário).

Abordadas, assim, algumas das imagens sobre o infográfico, atentaremos, agora, à sua materialidade; para tal, nos dedicaremos em discorrer, especificamente, sobre o dispositivo de análise proposto por Nunes (2012), que atenta à produção/gerência dos sentidos. O estudo dos infográficos a partir do escopo da AD proposto por Nunes é pioneiro no Brasil, quiçá o único. Diante disso, se justifica a relevância deste trabalho para nossa pesquisa.

A referida autora (2012), a partir de uma abordagem material, centra sua atenção no processo de produção de sentidos no discurso do infográfico. Tomando a noção das diferentes materialidades significantes e da imbricação<sup>2</sup> entre estas materialidades na formulação verbo-visual (LAGAZZI, 2009, apud NUNES, 2012), a autora postula que o discurso do infográfico é pautado pela contenção dos sentidos; ainda, para a referida autora, a serviço da contenção dos sentidos e da antecipação da posição-sujeito-leitor de infográficos está a geometrização do dizer, “que são marcas que compõem a especificidade estrutural do discurso do infográfico” (NUNES, 2012, p. 34).

A geometrização do dizer mobiliza diferentes efeitos de sentido a partir de um movimento de esquematização; são exemplos destes efeitos de sentido, os efeitos de relevância, ordenação, síntese, especificação, preenchimento, simultaneidade. Esses efeitos, como dito anteriormente, são vetorizados por especificidades estruturais, como as, assim denominadas por Nunes, *click-link-zoom*, *funil* e *zig-zag*. São estas que promovem a contenção dos sentidos a partir da “manutenção” de uma posição-sujeito-leitor de infográficos apassivada frente aos movimentos de esquematização.

A relação *click-link-zoom*, particular aos infográficos digitais, se estabelece pela necessidade de o leitor clicar em determinado elemento para obter mais informações, ou informações secundárias que ocupam segundo plano na formulação visual. Já a noção de *funil* diz respeito à quantidade de informação disposta na formulação visual do infográfico: maior número de informações no topo, menor número de informações na base, todas centralizadas e

---

<sup>2</sup> Conforme Lagazzi (2009, p. 84) “não temos materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais” (p. 84). “[N]a remissão de uma materialidade a outra, a não-saturação funcionando na interpretação permite que novos sentidos sejam reclamados, num movimento de constante demanda” (p. 84).

obedecendo a um princípio de hierarquização na distribuição espacial. Por fim, o *zig-zag* diz respeito ao sentido da leitura que, normalmente, segue o padrão ocidental, isto é, a leitura deve ser feita de cima para baixo e da esquerda para a direita, embora também se refira ao movimento de leitura de ir e vir entre as informações.

A propósito de um exemplo, utilizaremos o infográfico *GPS do prazer feminino* (set. 2011), publicado pelo Portal IG na seção ‘Delas’, para ilustrar graficamente os movimentos de *click-link-zoom*, *funil* e *zig-zag* categorizados por Nunes.

**Figura 2** - infográfico *GPS do prazer feminino*



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> **Infográfico:** GPS do prazer feminino. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/amoresexo/gps-do-prazer-feminino/n1597195906729.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

**Figura 3 - click-link-zoom**



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>4</sup>

**Figura 4 - funil**



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>5</sup>

**Figura 5 – zig-zag**



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>6</sup>

Na figura três, temos um exemplo de movimento *click-link*: cada uma das palavras que representam uma das “zonas” erógenas da mulher são clicáveis; ao serem acionados, os links abrem uma pequena caixa de texto que explica como estimular essa região, no caso de nossa exemplificação, a ‘boca’. Na figura quatro temos um modelo de formulação em *funil*, que

<sup>4</sup> **Infográfico:** GPS do prazer feminino. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/amoresexo/gps-do-prazer-feminino/n1597195906729.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

<sup>5</sup> **Infográfico:** GPS do prazer feminino. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/amoresexo/gps-do-prazer-feminino/n1597195906729.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

<sup>6</sup> **Infográfico:** GPS do prazer feminino. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/amoresexo/gps-do-prazer-feminino/n1597195906729.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.



distribui as informações hierarquicamente em formato piramidal; caso o infográfico em questão fosse um exemplo canônico, na parte superior-central estaria disposto seu título, bem como as instruções de operação dos *links*. Na imagem cinco, por fim, temos exemplificado o movimento de *zig-zag*, que é vetorizado pelo movimento de leitura superior-inferior/esquerda-direita, partindo da informação em ênfase – o título, alocado no canto superior-esquerdo.

Para Nunes, esses movimentos de esquematização, que constituem a geometrização do dizer, estão a favor, sumamente, da contenção dos sentidos. Dada a necessidade de um recorte, a autora centra sua atenção na materialidade, por nós denominada, cinética<sup>7</sup> – que engloba, por exemplo, vetorização, enquadramento e sequenciação. Assim, Nunes emprega seus esforços em compreender a formulação de infográficos, deixando a outros trabalhos o esforço de atentar à sua exterioridade.

Diante disso, percebendo que há processos de produção de sentidos não retomáveis pela abordagem de Nunes, buscamos aporte em Quevedo (2012), que constitui um dispositivo com princípios gerais para análise de quaisquer imagens e/ou textos sincréticos; desenvolvido em sua dissertação de mestrado, esse exercício analítico se direciona a ‘textualidades sincréticas’, híbridas e, desse modo, o autor distancia-se de Nunes, que postula a imbricação entre duas, ou mais, materialidades significantes<sup>8</sup>. Vale, ainda, ressaltar que Quevedo não se vale de exteriores teóricos à AD, ou seja, se pauta nos princípios epistemológicos da própria teoria, que já tem subsídios para a leitura do verbal e do imagético<sup>9</sup>.

Discorrendo acerca das formulações sincréticas, Quevedo (2012, p. 194) postula que, “assim como o texto escrito pode ter uma materialidade (formulação) visual”, o texto visual também “pode estar acompanhado de outras materialidades (formulações): verbal escrita, verbal sonora, gestual, cinética” (p. 194). Desse modo, o autor prefere “evitar o uso de sintagmas como o ‘discurso visual’, o ‘discurso imagético’ ou o ‘discurso da imagem’” (p. 194), pois entende que “a imagem não tem ou não é de per si um discurso; é-lhe uma materialidade” (p. 194).

Nos termos do ponto de vista discursivo assumido por Quevedo, “‘imagem’ pode significar tanto a materialidade visual da textualização de um discurso (como objeto concreto

---

<sup>7</sup> Conforme o Dicionário Eletrônico Houaiss 1.0, o termo cinética refere-se “ramo da física que trata da ação das forças nas mudanças de movimento dos corpos”. Aqui, compreendemos materialidade cinética como a materialidade do movimento, ou, ainda, a formulação do movimento.

<sup>8</sup> A distinção entre imbricação material e textualidade sincrética é estabelecida, mais adiante, no segundo parágrafo da seção 3.3, p. 42.

<sup>9</sup> No estado da arte da AD, há um histórico considerável de trabalhos que atentam à imagem, e à imagem em movimento; entretanto, em seu construto analítico, esses estudos se pautam em outras filiações teóricas, como a Semiótica e a Gramática do *Design Visual*. Distinguindo-se, Quevedo sustenta seu trabalho na perspectiva de que a AD, em seus princípios epistemológicos, “já tem subsídios para a leitura do verbal e do imagético”.

de trocas sociais ou como produto da faculdade da visão)” quanto “o resultado da produção de um recorte no imaginário acerca de X (ilusões subjetiva e referencial)” (QUEVEDO, 2012, p. 101). O estudioso aloca seu estudo no segundo conceito de imagem e, diante disso, estabelece uma distinção: ‘imagem objeto empírico’ (imagem-OE), para se referir ao objeto concreto, e ‘imagem’ à “produção de uma leitura”.

Desenvolvendo seu dispositivo de análise, Quevedo, então, aplica as noções de Secção Discursiva (SD) e Sequência Discursiva (SD), remetendo à noção de (E)enunciado adotada por Courtine (2009)<sup>10</sup>. O autor postula que a noção de Sequência, claramente, não se aplica visto que “(i) não cabe a noção de linearidade de leitura implicada pelo termo ‘sequência’” e “(ii) a discriminação de elementos constituintes da imagem é uma operação de recorte do analista, que secciona a imagem em partes que julga relevantes destacar” (QUEVEDO, 2012, p. 140). Ainda, para ele, em uma mesma formulação visual (FV) concorrem várias SD (Secções Discursivas) e SDR (Sequências Discursivas de Referência)<sup>11</sup>.

No próximo capítulo nos ocuparemos em atentar à materialidade do infográfico *Entenda como a obesidade afeta o seu corpo* tomando por referência os dispositivos de análise de Nunes e de Quevedo. Começaremos por descortinar as condições de produção do discurso em análise para, em seguida, atentarmos a duas FV do infográfico em questão – recorte que será apresentado mais adiante em seção oportuna. No capítulo das condições de produção, dedicaremos espaço para abordar a noção de arquivo em AD e os discursos sobre o corpo obeso no discurso de divulgação científica.

---

<sup>10</sup> Na definição de Courtine, ‘Enunciado’ se refere ao plano da memória discursiva, ao passo que ‘enunciado’ se relaciona ao plano da formulação.

<sup>11</sup> De acordo com Courtine (apud ARAUJO, 2017, p. 21, no prelo), “as SDR podem ser compreendidas como sequências orais ou escritas de dimensão maior que a frase, representando cada recorte temático realizado no corpus podendo ser enumeradas para efeito de organização durante a efetivação das análises. A SDR advém do processo de divisão do todo discursivo de modo a possibilitar a análise, o que resulta em fragmentos representativos do discurso em questão. A análise das SDR permite determinar as posições-sujeito, as formações imaginárias, formações discursivas, que estão em jogo no discurso analisado, bem como compreender o funcionamento ideológico”.

## 2 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO: CIRCULAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DOS INFOGRÁFICOS

Orlandi (2001a), em *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*, distingue três momentos intrincados à produção dos discursos; são eles: a constituição, a formulação e a circulação; enquanto o primeiro momento diz respeito à memória do dizer (interdiscurso) e o segundo diz respeito à atualização dessa memória (intradiscurso), o terceiro se refere à circulação, quer dizer, aos meios de circulação. Conforme a autora (2001a, p. 11-12), cabe salientar que “‘os meios’ não são nunca neutros”, e, dessarte, cabe ao analista atentar a “como circulam (em que meios, e de que maneira: escritos em uma faixa, sussurrados como boato, documento, carta, música, etc.)” os discursos.

Diante da categorização proposta por Orlandi, organizamos o presente capítulo, que aborda as condições de produção do infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo*, em duas seções: na primeira, tratamos da circulação do *corpus*, buscando compreender esse meio como não-neutro a partir da noção de arquivo em AD; e, na segunda, discorreremos acerca da constituição do *corpus*, isto é, da rede interdiscursiva e das formações discursivas que determinam sua formulação.

### 2.1 CIRCULAÇÃO: REPOSITÓRIO DE INFOGRÁFICOS DO IG

O infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo* foi publicado em 18 de outubro de 2012 no portal IG, mais especificamente, no repositório de infográficos da plataforma. Tal arquivo digital concatena, atualmente, um montante de trezentos e dezenove infográficos, todos produzidos para o IG<sup>12</sup> entre agosto de 2007 e outubro de 2012. O Portal é vinculado ao Internet Group (IG) e foi fundado em 2010, seis anos após o lançamento do provedor IG no mercado; constituiu-se como uma iniciativa pioneira no que se refere ao fornecimento de internet discada no Brasil.

Tendo como seus concorrentes a *Uol*, que também era provedora de internet, o *Yahoo* e o *MSN*, o IG diferenciava-se pela oferta de acesso à internet discada de forma gratuita. O IG foi adquirido em 2004 pelo grupo Brasil Telecom, quando foi fundido aos portais BrTurbo e IBest; em 2010 o IG é comprado pela empresa de telecomunicações Oi, em oportunidade da

---

<sup>12</sup> Informações disponibilizadas pela redação do Portal IG. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/2015-01-09/pioneiro-na-internet-ig-completa-15-anos.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

venda da própria Brasil Telecom, e foi revendido, em 2012, à portuguesa Ongoing – nesse momento, o IG ocupava o ranking de quinto site mais acessado do Brasil; a exemplo, nos anos 2000, o portal era o mais acessado do Brasil, contando com 2,2 milhões de cliques.

Hoje, devido à popularização da conexão via rádio e fibra ótica, o IG deixou de ser referência na oferta de internet discada, porém, se sustenta enquanto relevante meio de comunicação. Atualmente, o Portal do IG reúne 109 sites, distribuídos entre as categorias ‘Último Segundo’, ‘Economia’, ‘Esporte’, ‘Gente’, ‘iG Vigilante’, ‘Carros’, ‘TV iG’, ‘Tudo Sobre’, ‘Mais Sites’, ‘Comportamento’, e ‘Entretenimento’; ainda, são oferecidos os serviços ‘iG Bolsas de Estudo’, ‘iG Cursos’, ‘iG Cupons’, ‘Jogos’, e ‘iG Mail’, além de acesso aos Jornais ‘Diário de São Paulo’, ‘O dia’, ‘Meia Hora’, ‘O tempo’, ‘Tribuna da Bahia’ e ‘Leia já’.

Para além dos serviços até aqui apresentados, destacamos a seção “Extras”, acessível apenas por meio de busca *online*, que congrega um arquivo dos materiais infografados produzidos para o Portal. Essa é uma atitude inovadora, visto que, em 2007, recém iniciava o movimento de popularização das infografias como facilitadoras do acesso à informação em meio à instauração da sociedade em rede (cf. CASTELLS, 1999, 2003; LEVY, 1996, 1997)<sup>13</sup>. Destacamos que outros portais seguiram esta mesma lógica, como o Globo<sup>14</sup>, o Estadão<sup>15</sup>, o Uol<sup>16</sup> e a Veja<sup>17</sup>, portais midiáticos de grande alcance em território brasileiro.

Retomamos, aqui, a noção de infográfico apontada por Carvalho e Aragão (2012, p. 116), para quem os infográficos são “artefatos produzidos no intuito de comunicar uma mensagem que compõe uma interpretação de dados quantitativos”. Embora associemos a infografia, necessariamente, ao avanço da informática e à modernização das tipologias, para De Pablos elas existem desde o surgimento do homem. Nas palavras de Nunes, em se referindo às conjecturas do autor,

desde que “un ejemplar de antiguo humán descubrió el trazo” e desencadeou o que hoje conhecemos como sendo as artes gráficas. Para o autor, o suporte e o traço apareceram concomitantemente, o primeiro determinava a forma do traçado e ia configurando uma rede de sentidos produzidos no e pelo gesto de traçar. O traço e o suporte seriam importantíssimos para o desenvolvimento da humanidade, sendo apontados por De Pablos (1998) como desencadeadores do gesto gutenberguiano que mais tarde produziria a prensa de tipos móveis e em seguida a própria imprensa. (NUNES, 2012, p. 53).

<sup>13</sup> CASTELLS, M. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. A galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LEVY, P. O que é o virtual. São Paulo: Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_. As tecnologias da inteligência. São Paulo: Ed. 34, 1997.

<sup>14</sup> **Infográficos**. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/infograficos/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

<sup>15</sup> **Infográficos**. Disponível em: < [www.estadao.com.br/infograficos/](http://www.estadao.com.br/infograficos/)>. Acesso em: 20 dez. 2016.

<sup>16</sup> **Infográficos**. Disponível em: < <http://noticias.uol.com.br/infograficos/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

<sup>17</sup> **Infográficos**. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/multimedia/infograficos/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

Para De Pablos (1998, apud NUNES, 2012, p. 53), dessa forma, a infografia existe “desde a primeira união comunicativa de um desenho ou pintura reforçados por um texto alusivo” (tradução nossa). Assim, a infografia é a configuração “impressa de um binômio imagem + texto (bI +T), qualquer que seja o suporte onde se apresenta essa união informativa: tela, papel, plástico, barro, pergaminho, papiro, pedra” (DE PABLOS, 1998, p. 19).

Tem-se, na definição de De Pablos, uma proposta generalista de que quaisquer associações bI+T possam ser compreendidas como infografia, ratificada por Carvalho e Aragão. Contrapondo-se a essa visão, Rajamanickam situa que “construir a representação visual da informação não é mera tradução daquilo que pode ser lido para aquilo que pode ser visto” (RAJAMANICKAM, 2005, p. 2, tradução nossa), isto é, infografar “implica filtragem da informação, estabelecer relações, diferenciar padrões e representá-los de uma forma que permitam ao leitor compreender que tal informação constrói algo com significado”. (RAJAMANICKAM, 2005, p. 2, tradução nossa).

‘Representação visual’, ‘representação verbal’, ‘significado’ e ‘informação’ são, assim, palavras-chave para se referir aos infográficos. De mesmo modo, os discursos sobre a significação da palavra e da imagem, assim como os discursos sobre a informação, funcionam na constituição do seu discurso. Isso posto, cabe, ainda, considerar a noção de arquivo em AD, que caracteriza a circulação da materialidade em análise.

Em uma recuperação histórica da cultura letrada, Chartier elucida sobre a maneira da construção dos arquivos renascentistas, que, na descrição do autor, deveriam concatenar “tudo o que se necessitava saber sobre” (MITTMANN, 2014, p.33). Através desse enunciado, Mittmann delinea uma série de ilusões dos bancos de dados antigos que se mantêm nos atuais arquivos/arquivamentos, dentre elas, “a ilusão da naturalidade, de que as coisas e os fatos são como/porque são” (p. 33) e “a ilusão da universalidade e transparência dos sentidos” (p. 33);

Acerca da noção de arquivo em AD, Mittmann (2014) assevera que “[s]em dúvida, o modo de circulação faz significar de maneira particular os documentos do arquivo” (p. 33). Para justificar seu ponto de vista, a estudiosa pauta-se em Derrida, Foucault e Pêcheux para acionar o arquivo, em primeira instância, enquanto “objeto já-conhecido”, composto fisicamente ou por *bits*, para, em seguida, tratá-lo em uma abordagem teórico-metodológica.

A partir dessas conjecturas, Mittmann problematiza a (im)possibilidade do arquivo de ser discursivizado, de ser contido, apreendido, assim como questiona aquilo que “não se deve saber” e quem limita e forma suas articulações. Se por um lado o arquivo tende à manutenção dos sentidos, de outro, em contexto digital, os efeitos de naturalidade, transparência e universalidade “são postos, frequentemente, em suspenso diante dos movimentos dos

internautas, a partir da formulação e circulação de novos discursos, antes não previstos” (MITTMANN, 2014, p. 33).

Desvelados esses questionamentos, Mittmann considera a noção de arquivo pelos vieses desconstrucionista, arqueogenalógico e discursivo. A primeira noção, postulada por Derrida, salienta a necessidade de que não comecemos por ‘arquivo’, mas sim pela palavra ‘arquivo’; *Arkhe*, então, significa simultaneamente começo e comando, ou seja, o arquivo é efeito de origem e de diretriz para novos discursos. A segunda noção, postulada por Foucault, diz que a ordem do discurso, e do arquivo, pode ser descrita como “a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (apud MITTMANN, 2014, p. 34). Por fim, a terceira noção, sustentada por Pêcheux, para quem, em sentido amplo, arquivo é entendido como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (apud MITTMANN, 2014, p. 34).

Relacionando os apontamentos de Mittmann ao arquivo de infográficos do IG, entendemos o repositório virtual em sua ambiguidade, pendendo entre a “determinação do que pode e deve ser dito e a transformação” (2014, p. 37); o repositório opera, assim, “na tensão entre o que pode e deve ser dito e o que pode e deve ser arquivado para circular em público ou para dele se esconder” (ROMÃO, apud MITTMANN, 2014, p. 37).

Se, por um lado, o arquivo de infográficos é determinado pela própria natureza de sua circulação, por outro, é determinado pela sua constituição; para além dos efeitos de naturalidade, transparência e universalidade, entendemos que a forma como o repositório se categoriza mobiliza diferentes discursos<sup>18</sup>; como, por exemplo, há as seções ‘Ciência’, ‘Saúde’ e ‘Tecnologia’ que codificam infográficos voltados à popularização e divulgação de Ciência & Tecnologia (C&T), e, logo, estão inseridos na FD do Discurso de Divulgação Científica (DDC), campo/objeto de estudos que ganha espaço nas atuais investigações em AD.

Diante das considerações até aqui traçadas, o infográfico *Entenda como a obesidade afeta o seu corpo é corpus* representativo do arquivo de Infográficos do IG, ao mesmo tempo que é representativo da categoria ‘Saúde’, inscrita entre as demais. A partir da noção de ‘momentos de produção do discurso’ de Orlandi, nessa primeira seção, do capítulo dois, nos dedicamos à circulação do *corpus*, buscando compreender os discursos sobre o infográfico e

---

<sup>18</sup> Ao total, trezentos e dezenove infográficos são distribuídos no arquivo entre vinte e duas categorias. São elas: Cultura, Economia, Saúde, Último segundo, Ciência, Arena Turbo, Esportes, Jovens, Gente, Tecnologia, Delas, Carnaval, Comida, Educação, Carros, Moda, Turismo, Política, Testes, Especial Namorados, Babado, Luxo. Mais informações disponíveis em: <<http://especiais.ig.com.br/infograficos?cat=3515&m=Todos&s=+%22>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

sobre o conceito-chave arquivo; na seção seguinte, nos ocuparemos de sua constituição, tomando por eixo o DDC, acima sinalizado, e a memória discursiva sobre o corpo obeso.

## 2.2 CONSTITUIÇÃO: CORPO E OBESIDADE NO DDC

Nosso *corpus* mobiliza, em sua constituição, memórias estritamente arraigadas ao que é científico, do que é publicizável e do que é interdito socialmente. São essas algumas das nuances do DDC<sup>19</sup>, que, segundo Baalbaki, é um discurso constituído por duas ordens de discurso: “da ciência e do cotidiano” (2010, p. 84), e, ainda, da mídia e da instrução (ensino).

Por meio dessa dúplici realização enunciativa e da configuração de múltiplas posições-sujeito, o DDC pauta-se em uma estrutura de três lugares diferentes; os da Ciência, do público leitor e do divulgador. Para Authier-Revuz (apud BAALBAKI, 2010), o primeiro lugar, o da Ciência, “é ocupado por múltiplas pessoas empiricamente identificadas, as quais produzem, pela autoridade atribuída, uma garantia de seriedade da voz que ‘diz a verdade’ na divulgação” (p. 84). O segundo lugar, “aquele que o texto propõe ao público-leitor ocupar, é construído por uma imagem explícita, através de pequenas marcas, de seu destinatário” (p. 84). E, por fim, o terceiro lugar, o do divulgador, “é ocupado por um enunciador com ‘um estatuto de comentador-compiler’, um mediador” (p. 84).

Os textos de DDC são, segundo Baalbaki (2010) “marcados pela intensa passagem de um texto a outro” (p. 85) e, segundo a autora, “[é] este contínuo retorno da relação interior/exterior que marca a alteridade do DDC” (p. 85), em que “ora a palavra científica é designada como um corpo estrangeiro em relação à “língua” do receptor” (p. 85), “ora o contrário, as palavras familiares suscitam um distanciamento da “língua científica” (p. 85). Assim, essa formulação visível nas operações do intradiscurso é entendida por Authier-Revuz (1999) como mostra da heterogeneidade enunciativa.

O conceito de heterogeneidade enunciativa, proposto por Authier-Revuz (1990), se constitui a partir do pressuposto de que a língua é, imanentemente, heterogênea. A autora distingue duas formas de heterogeneidade: a mostrada e a constitutiva. A primeira traz “marcas” da presença do outro na formulação do discurso, fazendo-a passível de ser analisada. A segunda, por sua vez, não se apresenta na cadeia discursiva, e sua alteridade, não revelada, se restringe à

---

<sup>19</sup> Aqui, devido ao espaço curto que um TCC nos oferece, foi necessário reduzir as discussões sobre o DDC. No âmbito das pesquisas em AD sobre essa temática, relevamos os trabalhos de Authier-Revuz (1998, 1999), Zamboni (1997), Orlandi (2001b) e Grigoletto (2005), além da tese de Baalbaki (2010) que referenciamos no corpo do texto.

ordem do interdiscurso. A heterogeneidade mostrada pode ser da ordem da enunciação ou da ordem do discurso; uma é observável na formulação linguística, ao passo que a outra não o é.

Tomando por eixo a heterogeneidade mostrada, Authier-Revuz (1999) constitui um estudo notável, e referencial, acerca do DDC, em que busca refletir sobre a função e o funcionamento de textos filiados ao discurso de divulgação. Seu *corpora* constitui-se de revistas especializadas em divulgação científica (DC) e de artigos científicos do *Le Monde* (jornal francês). A partir de análises, a autora considera que a função básica da divulgação científica é a de operar como medianeira da interlocução entre ciência e público-leitor, isto é, tornar acessíveis novos saberes advindos da inovação em ciência. Assim sendo, para Authier-Revuz, a DC se insere em um grupo amplo que compreende textos de reformulação, junto à tradução e ao discurso pedagógico, por exemplo.

Nas palavras de Authier-Revuz,

a verdadeira regularidade desses textos é o estabelecimento, através destas inumeráveis formas de heterogeneidade mostrada, de um caminho de *vaivém* entre esses dois discursos, de *um lugar* em que se realiza uma colocação em contato. (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 13, grifos da autora).

Dessa maneira, o que distingue os textos de DC das outras realizações de reformulação é a explicitação de seu dialogismo – ao fazer DC revela-se esse fazer. Frente ao distanciamento entre as posições-sujeito Ciência (cientista) e o público-leitor de DC, a prática de DC opera na reformulação de um discurso-fonte (D1) em um discurso segundo (DS), isso devido ao leitor de DC ser diferente do leitor de discurso científico, propriamente dito.

Olhando especificamente para nosso *corpus*, atentamos a uma especificidade: a do corpo obeso no DDC. Embora pouco tratadas em AD, as (a)simetrias entre sujeito/corpo, sujeito/corpo/identidade, são profícuo campo de investigação. Destacamos, aqui, por afinidade, os trabalhos de Ernst (2005a; 2005b; 2007; 2012), assim como os estudos de Grigoletto (2005); este último por se referir, especificamente, aos imaginários de obesidade no DDC.

Em *Entenda como a obesidade afeta seu corpo*, se tem uma (dis)junção historicamente ambígua, que é a do corpo obeso. Atravessada pelo discurso médico-científico, e, de mesmo modo, pelos discursos religiosos, midiáticos e da sociedade da aparência, a obesidade é ressignificada no decorrer dos tempos, e as imagens de um corpo avolumado oscilam entre a glotonaria soberba da Idade Média, a impotência e descapacidade do corpo gordo iluminista e a estigmatização da obesidade na modernidade recente.



Georges Vigarello (2012)<sup>20</sup>, em sua obra *As metamorfoses do gordo*, traça uma historiografia da obesidade no ocidente, da Idade Média ao século XX. A escrita de Vigarello começa por situar o gordo, e seu corpo, em meados do séc. XIV, início do séc. XV; nesse ínterim, a figura do glutão medieval era sinônimo de poder e opulência, embora fosse alvo de divergências na visão do modelo clerical, dos médicos e da cortesia. Surgiam os primeiros registros iconográficos, e a gordura era retratada como distinção social. A estética do corpo avantajado ainda não é mencionada em registros históricos, embora já se ponha uma vontade de diminuir o gordo.

No renascimento, entre os sécs. XVI e XVII, opera um deslizamento: embora se mantenha o imaginário de prestígio, o gordo passa a ser visto como lerdo, preguiçoso e “incapaz de compreender as coisas e as pessoas” (VIGARELO, 2012, p. 65); surge o gordo estúpido, alicerçado na figura de momo. Decorrem, daí, os primeiros cuidados com o corpo gordo, centrado em regimes e na diminuição física das carnes através do uso de corpetes e cintas. Diante desse gordo improdutivo, desponta um modelo de esbeltez (a magreza ainda é mal vista, o equilíbrio é obrigação social), assim como aparecem as primeiras palavras de desprezo ao gordo, para além dos já conhecidos “cheio”, “balfo” e “roliço”. Por exemplo, no Falstaff de Shakespeare (séc. XVI), segundo Vigarello, abundam termos tais como “barrigão”, “pasta de fígado gordo”, “colchão de carne”, “grosseirão”, “pança de Espanha”, “João pança”, “bolão”, “pão de sebo”, “banha derretida”, “massa bruta”, “manteigão”, “tonelada”, “doce de balão”, “velho obscuro”, “porco” e “velho porco”.

É no final do séc. XVI e no decorrer do séc. XVII que a gordura assume pluralidade; até esse período, não existiam “escalas” para distinguir o magro, o esbelto e o gordo. Os médicos reafirmam a norma do equilíbrio dos volumes corporais, passando a aguçar o sentido para a classificação de “graus de gordura” e a sintomatologia que distinguiria seus estágios. Dramatiza-se a ameaça dos líquidos e das banhas, que causariam as temidas apoplexia<sup>21</sup>, hidropisia<sup>22</sup> e gota<sup>23</sup>.

Se é no final do renascimento que o corpo gordo se torna objeto de preocupação da medicina e das ciências, é no iluminismo que o balfo desliza da estupidez à impotência. Em

---

<sup>20</sup> A partir daqui, nossa escrita sobre a história do gordo/obesidade pauta-se, exclusivamente, na obra de Vigarello, 2012; sendo assim, nos ocupamos em sumarizar as informações, oferecidas pelo autor, que se relacionam com cada período histórico.

<sup>21</sup> Apoplexia: derrame sanguíneo ou seroso em algum órgão; a palavra designa, mais comumente, Acidente Vascular Cerebral (AVC).

<sup>22</sup> Hidropisia: derramamento de líquido seroso nos tecidos ou nas cavidades naturais; é chamada, coloquialmente, de inchaço devido à retenção de líquido.

<sup>23</sup> Gota: artrite inflamatória que acomete, geralmente, as juntas dos dedos dos pés.

meio à febre empirista, os “volumes se individualizam” (VIGARELO, 2012, p. 141): criam-se graus de gordura a partir da observação do peso. São estabelecidas médias que firmam os limites e os excessos, que decorrem, socialmente, de uma cultura adiposa, mais rija para as mulheres, e para o estreitamento de sua cintura.

É no iluminismo, mais precisamente em 1760, na *Enciclopédia*, que se registra a palavra obesidade, definida como “corpulência excessiva”, assim como o gordo passa a ocupar o campo literário como crítica metafórica aos abastados. Segundo Vigarelo (2012, p. 176), a partir daí “o tratamento da gordura pôde então ser amplamente reorientado”, abrindo vazão a censuras ao gordo burguês do séc. XVIII. Também é nessa época que, mais fortemente, incide o discurso médico-científico sobre o corpo gordo, tomado como alvo de estatísticas e números; pela primeira vez, as categorias peso X estatura X sexo são relacionadas para o cálculo do índice de massa corporal.

Adentrando no séc. XVIII, e na filosofia romântica, a magreza passa a ser idealizada, ao passo que os efeitos da gordura são, gradativamente, catalogados (VIGARELO, 2012, p. 228); pela primeira vez, é categorizada a iminência mórbida da gordura. No séc. XIX quase que se apaga completamente o imaginário afortunado do gordo, que passa a ser calcado na ideia do “gordo infeliz” e do “gordo desleixado”. O “conhece-te a ti mesmo” socrático tende para o “cuida-te a ti mesmo”. Entre a difusão da pesagem e a predominância da estética, as práticas bioascéticas são supervalorizadas, principalmente pela publicidade em ascensão.

O corpo começa a ser exposto na modernidade, ou melhor, o corpo padrão, enquanto o corpo gordo é interdito frente à descoberta dos músculos. Uma nova estética, da magreza, se institui e a imagem do corpo entra em conflito; o corpo obeso desloca-se do nicho mundano para ocupar o seio das ciências biológicas e da saúde. Na transição para a modernidade, e da modernidade para a modernidade recente, se instaura, segundo Vigarelo (2012) uma “revolução da magreza” (p. 282), assim como a ideia de obesidade enquanto “epidemia” (p. 315): multiplicam-se as patologias e os sintomas (p. 302). Nas palavras de Vigarelo,

[a] partir dos anos 20 do século passado, a ruptura acelera-se, um aumento de compaixão leva a ‘encarar’ de modo inteiramente diverso as enfermidades anatômicas. Seu espetáculo passa a ser apenas sofrimento e sua aparência, uma visão insuportável. O enrijecimento das normas transformou-as em ‘obesidades monstruosas’, inteiramente estranhas ao ‘universo aceitável’. Sua realidade pertence exclusivamente à ciência e não mais ao olhar divertido, à curiosidade. A ‘policia do olhar’ afasta-as. A escala geral de avaliação deslocou-se, portanto: os casos de obesidade são apontados de modo mais precoce, a própria gordura preocupa mais, ainda que inserida no universo cotidiano, ao passo que a gordura extrema resvala para o inominável, para aquilo que só o olhar científico consegue encarar. O gordo nasce mais cedo nas suas formas discretas, mas os casos ‘extremos’ não podem sequer ser olhados. (2012, p. 299).

Pensar obesidade, desse modo, é pensar pela ótica científica, é tratar de um corpo socialmente abjeto e cientificamente objetificado; o sujeito obeso é da ordem do desumano, do monstruoso, do não-discursivizável.

Ao encerramento da presente seção, em que abordamos as condições de produção que constituem o *corpus* em análise, a partir do DDC sobre o corpo obeso, assim como os aspectos de sua circulação, relativos à noção de arquivo no escopo da AD, acreditamos haver descortinado contribuições fundamentais para a construção de nossas análises. No capítulo a seguir, nos dedicaremos a um exercício de leitura do infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo* a partir dos construtos conceituais-metodológicos de Quevedo (2012) e Nunes (2012); introduzindo a seção, discorreremos acerca do recorte que operamos no *corpus* e, nesse recorte, destacaremos quais elementos significantes serão mobilizados na efetivação das análises.

### 3 ANÁLISE DO *CORPUS*

#### 3.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Antes de dedicar-nos ao exercício de leitura do infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo* a partir do construto conceitual-metodológico de Nunes (2012) e de Quevedo (2012), se faz necessário que explicitemos nosso recorte. Orlandi (2015) afirma que o trabalho de análise tem início com a configuração do *corpus*, “delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções” (p. 64-65). Isso se dá devido à AD ter “um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” (p. 65).

Os recortes operados no *corpus* são representações “correlacionadas de linguagem e situação” (ORLANDI, 1984), ou melhor, são unidades discursivas, fragmentos de uma situação discursiva. Assim sendo, nas palavras de Orlandi (2015), o “objeto discursivo não é dado” (p.64); ele pressupõe um esforço do analista e para chegar a ele é necessário, em um primeiro momento, “converter a superfície linguística (o *corpus* bruto) [...] em um objeto teórico” (p. 64), “objeto linguisticamente de-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de realidade do pensamento” (p. 64).

Diante disso, retomamos nossa compreensão de que o infográfico em análise é *corpus* representativo do arquivo de Infográficos do IG, ao mesmo tempo que é representativo da categoria ‘Saúde’, inscrita entre as demais. Nosso recorte no arquivo é decorrente, em primeiro lugar, da observância de dois fatores: (i) a imbricação de distintas materialidades significantes, ou o funcionamento de uma materialidade sincrética<sup>24</sup>, (ii) a explicitação da fonte de informações que dá suporte à formulação do infográfico, que o caracteriza como DDC. O primeiro fator permite observar a materialidade infografada tanto pelo viés de Nunes, quanto pelo de Quevedo, ao passo que o segundo fator é o que caracteriza o infográfico enquanto uma reformulação de DC.

Já o recorte que operamos no *corpus*, o infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo*, se deu em duas lâminas<sup>25</sup>, que constituem duas FV. A primeira lâmina (ANEXO 1), comporta o título do infográfico e seus menus alternativos de navegação – o primeiro convida

---

<sup>24</sup> Lembramos que Nunes recupera em Lagazzi a noção de “imbricação de distintas materialidades significantes”, ao passo que Quevedo, em outra perspectiva, se pauta na noção de “materialidade sincrética”.

<sup>25</sup> Conforme o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0, na rubrica ‘artes gráficas’, lâmina significa “figura impressa, estampa, ilustração”.

o leitor a descobrir seu Índice de Massa Corporal (IMC) a partir da inserção de informações pessoais e, assim enquadrar-se em uma das categorias de obesidade; o último permite ao leitor transitar entre as categorias de obesidade, sem necessariamente inserir seus dados. A nona lâmina (ANEXO 9) compreende a categoria ‘Obesidade Mórbida’, que apresenta uma pequena definição desse grau de obesidade, a sintomatologia a ela relacionada e a fonte que remete ao D1 que está sendo reformulado no D2 de DC.

Cabe salientar que, ao total, o infográfico é composto por nove lâminas (ANEXO 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9) – as lâminas 2, 3, 4 e 5 são semelhantes às lâminas 6, 7, 8 e 9 (respectivamente); o que as diferencia é que as quatro primeiras têm como imagem central o corpo feminino, ao passo que as quatro últimas possuem como imagem central o corpo masculino. Trataremos das lâminas que contemplam a figura masculina; majoritariamente, a historiografia da obesidade e do corpo obeso centra-se na figura masculina, logo, recuperar as condições de produção do discurso sobre o corpo obeso feminino é operar com silêncios e trabalhar com um universo de bibliografias, por nós, desconhecido, ainda que nos interesse. De mesmo modo, abordar leitura de infográficos, DDC e questões de gênero demanda um estudo extenso, e pormenorizado, que não cabe a um TCC, ou melhor, aos seus limites.

Alguns elementos significantes serão frisados, enquanto outros serão tratados à margem; isso se deve às particularidades de cada dispositivo de análise (de Nunes e de Quevedo). Com vistas à apresentação de nosso exercício de leitura, distinguimos duas seções<sup>26</sup>: *A geometrização do dizer no discurso do infográfico*; dedicada à experimentação do construto conceitual-metodológico de Nunes; e, *Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos*, voltada à experimentação do construto conceitual-metodológico de Quevedo.

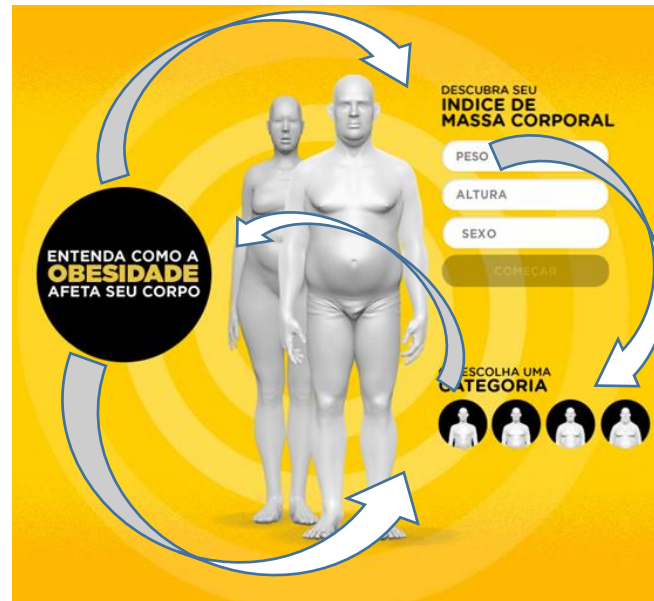
### 3.2 A GEOMETRIZAÇÃO DO DIZER NO DISCURSO DO INFOGRÁFICO

Diante do que foi exposto acima, nos dedicaremos à análise das lâminas 1 e 9 a partir do construto conceitual-metodológico de Nunes (2012); sendo assim, observaremos a maneira como, na imbricação material entre o verbal e o imagético, opera a geometrização do dizer por meio dos movimentos de esquematização. Segundo Nunes, esses movimentos constituem a geometrização do dizer, mobilizando posições-sujeito-leitor particulares à materialidade infografada.

---

<sup>26</sup> O título que utilizamos nas duas seções são os mesmos empregados pelos seus autores em sua tese (Nunes) e dissertação (Quevedo); o fizemos devido ao efeito de memória que os títulos mobilizam.

**Figura 6** – movimento de esquematização



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>27</sup>

O primeiro movimento de esquematização que funciona na lâmina 1 (ANEXO 1) é o de *zig-zag*, movimento de ir e vir entre as materialidades verbal e imagética. Nunes (2012) salienta que o movimento de *zig-zag* é a vetorização (direcionamento) da leitura, que antecipa uma posição-sujeito-leitor de infográficos e a apassiva determinando a direção do olhar.

A formulação material constitui-se por três “caixas de texto”: a primeira contém o título do infográfico – em uma forma circular está inscrito “entenda como a obesidade afeta seu corpo”; a segunda, sob o subtítulo “ descubra seu índice de massa corporal”, comporta um menu dividido em três campos que podem ser preenchidos com informações do leitor (‘peso’, ‘altura’ e ‘sexo’), depois de preenchidas estas informações, o menu libera para clique o botão ‘começar’, que gera o IMC do leitor e o direciona para uma das categorias de obesidade caso seu IMC seja superior a 25 (25 é o IMC normal de acordo com o infográfico); por fim, a terceira caixa de texto, intitulada “ou escolha uma categoria”, também um menu, permite ao leitor que não queira registrar seus dados, e ao leitor que possui IMC abaixo de 25, acessar uma outra lâmina, específica, para cada categoria de obesidade; esse menu dispõe quatro *hiperlinks*, que redirecionam o leitor às categorias de obesidade, são elas: ‘sobrepeso’, ‘obesidade moderada’, ‘obesidade grave’ e ‘obesidade mórbida’.

<sup>27</sup> **Infográfico:** Entenda como a obesidade afeta seu corpo. Disponível em: <<http://extras.ig.com.br/infograficos/2012/saude/obesidade/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

As três caixas de texto estão distribuídas espacialmente na margem de três círculos, em marca d'água; no centro dos círculos distinguem-se duas figuras humanóides – uma masculina e outra feminina. A FV<sup>28</sup> evoca na memória discursiva a forma de um alvo: em seu centro estão os corpos (**c**) e em suas margens orbitam os enunciados verbais (**i**) “entenda como a obesidade afeta seu corpo”, (**ii**) “descubra seu índice de massa corporal” e (**iii**) “ou escolha uma categoria”, todos com núcleo verbal no imperativo afirmativo conjugados na terceira pessoa do singular. Devido às imagens estarem distribuídas circularmente na FV, o movimento de *zig-zag* não é linearizado: como um círculo não tem início, nem fim, o movimento de leitura também não o tem: a posição-sujeito-leitor é “livre” para iniciar seu percurso de leitura por **i** ou por **ii**. Liberdade restrita, pois, embora existam alguns caminhos a serem percorridos, as possibilidades de leitura são limitadas, e imperiosas. Os percursos possíveis são

**i => ii;**

**i => ii=> iii;**

**ii => iii;**

**ii => iii => i.**

**C**, nessa perspectiva, é contextualização visual.

Nessa primeira lâmina, dado à distribuição espacial circular, a geometrização em *funil* não é observável. Entretanto, os movimentos de *Click-link-zoom* são presentes. Para Morello (apud NUNES, 2012, p. 135), a noção de ligação/*link* “explicita uma demanda simbólica para se fechar um sentido em um texto, ela explicita também, e inseparavelmente, uma abertura por e para um sentido outro que ali faltou”; desse modo, a linkagem é uma operação ambígua de abertura/fechamento dos sentidos, que, segundo a autora (apud NUNES, 2012), para além de uma opção, a ligação/*link* “decorre de processos de linearização dos sentidos e marca uma tensão específica de pontuar e deslocar outros sentidos para que um possa ser dito” (NUNES, 2012, p. 135). Nesse funcionamento, “o *link*, ao mesmo tempo, mostra e marca a relação do dizer com a heterogeneidade que o constitui, sendo, portanto, um mecanismo discursivo de dupla face” (NUNES, 2012, p. 135 – a partir da argumentação de Morello).

A relação *click-link-zoom* na FV e verbal da lâmina 1 efetiva a liberdade restrita do movimento de leitura da posição-sujeito-leitor, indiciado pelo *zig-zag*, possibilitando uma reversibilidade virtual<sup>29</sup>, em que o leitor “opta” por: inserir seus dados pessoais em **ii**, clicar no

<sup>28</sup> Apontamos, na seção 1.2, a noção de FV apenas no trabalho de Quevedo. Salientamos que o conceito é empregado, também, por Nunes.

<sup>29</sup> Dizemos “reversibilidade virtual” pois, de fato, não há alternância na tomada da palavra entre o divulgador e o leitor, mas sim uma pretensa opcionalidade de percurso de leitura.

link/botão ‘começar’ e ser direcionado à categoria de obesidade condizente ao seu IMC; ou não inserir seus dados e navegar diretamente no menu das “categorias de obesidade”, **iii**, dispostas pelos links ‘sobrepeso’, ‘obesidade moderada’, ‘obesidade grave’ e ‘obesidade mórbida’ que redirecionam o leitor para lâminas que tratam de cada uma dessas categorias de obesidade. Os links estão destacados por flechas na figura abaixo:

**Figura 7 – links em ii e iii**



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>30</sup>

Frente às considerações até aqui traçadas, e seguindo a lógica de Nunes, compreendemos que os movimentos de *zig-zag* e *click-link-zoom* mobilizam possíveis efeitos de sentidos. Destacamos, aqui, os efeitos de *ordenação* e de *especificação*. O primeiro efeito de sentido decorre da organização espacial da FV: as informações são ordenadas prevendo o caminho de leitura a ser percorrido pela posição-sujeito-leitor. O segundo, efeito de especificação, é mobilizado pela formulação da materialidade verbal que, por meio do emprego dos verbos em imperativo afirmativo, colocam a posição-sujeito-leitor no papel de obedecer à ordem da geometrização: as informações de DC reformuladas no infográfico são suficientes para que o leitor ‘entenda’ como a obesidade afeta seu corpo, por exemplo, silenciando as possibilidades de não-entendimento e afirmando o DDC como não-falho e objetivo.

<sup>30</sup> **Infográfico:** Entenda como a obesidade afeta seu corpo. Disponível em: <<http://extras.ig.com.br/infograficos/2012/saude/obesidade/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.



Prosseguindo com o exercício de leitura, agora, da lâmina 9, nos debruçaremos sobre a formulação espacial em *funil* e o movimento em *zig-zag*; esse último relacionado estritamente ao movimento de *click-link-zoom*. Na FV da lâmina 9 (ANEXO 9), em distinção à lâmina 1, possui duas barras pretas delimitando a parte superior (i) e a inferior (ii); os círculos (iii) se mantém, entretanto, as duas linhas centrais são nítidas (não mais em marca d'água) e os corpos humanoides que se localizavam em seu centro foram substituídos por, apenas, um corpo – o masculino (c); assim mesmo, é um corpo diferente do anterior: suas pernas, bochechas, barriga e braços são gordos, reafirmando a condição de um corpo em situação de morbidez eminente.

Mantém-se, na FV, apenas uma caixa de texto (iv), sob o título “seu índice: obesidade mórbida”, e o corpo é alvejado de marcadores (v), também negros, com um ‘+’ estampado em si. No canto inferior direito há um pequeno botão, denominado “Fontes” (vi), e na barra inferior (vii) há um menu com as opções “sobrepeso”, “moderada/classe I”, “grave/classe II” e “mórbida/classe III”, ficando demarcada em branco a caixa “mórbida/classe III”, que situa informa ao leitor que ele está na lâmina 9. Na barra superior (viii) repete-se a formulação verbal que intitula o infográfico: “entenda como a obesidade afeta seu corpo”; entretanto, mesmo que a tipologia empregada na lâmina 1 se mantenha, as cores foram alteradas, ‘obesidade’, que antes era preenchida de amarelo, agora é cor branco, ao passo que ‘entenda como a [...] afeta seu corpo’, antes de cor branco, agora é amarelo.

**Figura 8** – formulações c, i, ii, iii, iv, v, vi, vii e viii



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>31</sup>

<sup>31</sup> **Infográfico:** Entenda como a obesidade afeta seu corpo. Disponível em: <<http://extras.ig.com.br/infograficos/2012/saude/obesidade/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

A geometrização em *funil* não se aplica, uma vez que a informação visual é distribuída pela FV obedecendo a uma lógica hierárquica que não é canônica: os marcadores, que são na realidade *links-zoom* dos sintomas da obesidade mórbida, são alocados à região do corpo afetada por cada sintoma. Assim, ao invés de obedecer à disposição piramidal, a informação é distribuída no corpo e em razão dele. Já o movimento de *zig-zag* se faz presente, permitindo à posição-sujeito-leitor transitar entre a caixa de texto “seu índice” e os marcadores, e, ainda, o botão “fontes” e as opções do menu. O movimento de leitura, assim, pode tanto partir de **i**, quanto de **v**, **vii**, **c** ou **iv**; enfim, não há um movimento de leitura hierarquizado/pré-estabelecido e tão pouco a obrigatoriedade de a posição-sujeito-leitor atentar a todas as informações que compõem a FV e a formulação verbal.

Como dito anteriormente, o movimento de *zig-zag*, de ir e vir entre as formulações, na lâmina 9, é estritamente relacionado aos movimentos de *click-link-zoom*. Embora as formulações **c**, **i**, **ii**, **iii**, **iv**, **vi**, **vii** e **viii** sejam explícitas, as formulações verbais acionadas por **v** podem ser acessadas, apenas, mediante clique; cabe ao sujeito-leitor escolher os marcadores que quer acessar e clicar neles para que novas formulações verbais sejam oferecidas em uma caixa de texto (localizada no canto central-esquerdo). O movimento de *click-zoom* relacionado ao movimento de *zig-zag* é ilustrado na figura abaixo:

**Figura 9** – *click-zoom*



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>32</sup>

<sup>32</sup> **Infográfico:** Entenda como a obesidade afeta seu corpo. Disponível em: <<http://extras.ig.com.br/infograficos/2012/saude/obesidade/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

Até aqui, nos dedicamos a atentar à geometrização do dizer no discurso do infográfico, perpassando os movimentos de *zig-zag* e *click-link-zoom*, assim como a distribuição espacial em *funil*. Como Nunes (2012), circunscrevemos nossas análises ao nível do intradiscurso, buscando entender efeitos de sentido mobilizados pelos movimentos de esquematização e como esses movimentos assujeitam o sujeito-leitor de infográficos. Entretanto, observamos que a “geometrização do dizer” postulada por Nunes não é panaceia para a compreensão da materialidade dos infográficos: os movimentos de *zig-zag* não são, necessariamente lineares, e tampouco a formulação em funil é sempre presente, como aponta a análise das lâminas 1 e 2.

Outra observação suscitada pela leitura que realizamos, a nível de experimentação do dispositivo de análise, é a de que o construto conceitual-metodológico de Nunes centra seu recorte no eixo sintagmático do discurso, do intradiscurso, relegando a outros estudos a demanda de atentar à exterioridade, aos já ditos, o interdiscurso. Diante disso, reiteramos o apontamento realizado por nós na seção 1.2: “percebendo que há processos de produção de sentidos não retomáveis pela abordagem de Nunes, buscamos aporte em Quevedo (2012)” para compreender a dupla articulação entre a memória e sua atualização no discurso infografado, assim como a heterogeneidade mostrada que o constitui e caracteriza enquanto DDC.

Para tal, mantemos o mesmo *corpus* discursivo que aqui analisamos, constituído pelas lâminas 1 e 9 do infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo*.

### 3.3 DO GESTO DE REPARAR A(À) GESTÃO DOS SENTIDOS

Como prenunciado no encerramento da seção anterior, nesta segunda parte, que encerra nossas análises, nos dedicaremos a um exercício de leitura do infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo* a partir do construto conceitual-metodológico proposto por Quevedo (2012). Aqui, ao invés de nos debruçarmos sobre a organização espacial de cada FV, seccionaremos a materialidade sincrética em SD e SDR.

De maneira distinta, como feito na seção anterior, não nos pautaremos na noção de imbricação material (LAGAZZI, 2009, apud NUNES, 2012) mas sim na noção de texto sincrético (QUEVEDO, 2012), e, logo, de materialidades híbridas; a partir da visão de “texto sincrético”, postulada por Quevedo, conceituamos infográfico, de maneira sintética, como uma textualidade sincrética, isto é, em sua formulação funcionam materialidades híbridas (verbal-imagética, imagética/cinética, imagética-verbal-cinética, por exemplo).

Nosso recorte, assim, constitui-se a partir de duas SD e quatro SDRs; uma SD da lâmina 1 (ANEXO 1) e outra da lâmina 9 (ANEXO 9); e, ainda, uma SDR da primeira lâmina e outras três da nona lâmina. São elas:

**FV 1** – lâmina 1

**SDR 1:** “Entenda como a obesidade afeta seu corpo”

**Figura 10 – SDR 1**



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>33</sup>

**SD1** (sd 1, círculos/ sd 2, corpo masculino/ sd 3, corpo feminino)

**Figura 11 – SD 1**



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>34</sup>

<sup>33</sup> **Infográfico:** Entenda como a obesidade afeta seu corpo. Disponível em: <<http://extras.ig.com.br/infograficos/2012/saude/obesidade/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

<sup>34</sup> **Infográfico:** Entenda como a obesidade afeta seu corpo. Disponível em: <<http://extras.ig.com.br/infograficos/2012/saude/obesidade/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

FV 2 – lâmina 9

**SDR 2** “Sintomas: 2X mais risco”

**SDR 3** “De transtornos psíquicos como alterações de humor e de personalidade”

**SDR 4** “A ciência ainda não conseguiu definir se obesidade é a causa da doença ou o contrário”

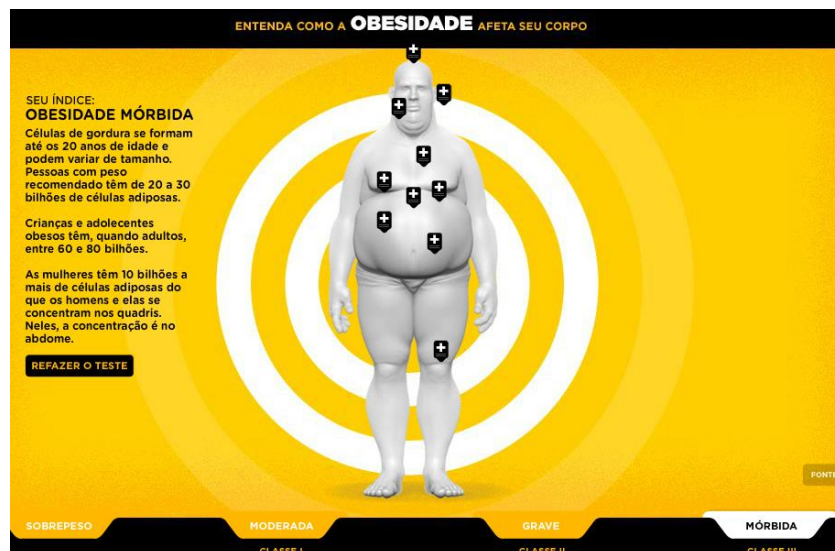
**Figura 12 – SDR 2, SDR 3 e SDR 4**



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>35</sup>

SD 2 (sd 4, círculos/ sd 5, corpo em iminência mórbida)

**Figura 13 – SD 2**



Fonte: Portal do IG (2016)<sup>36</sup>

<sup>35</sup> **Infográfico:** Entenda como a obesidade afeta seu corpo. Disponível em: <<http://extras.ig.com.br/infograficos/2012/saude/obesidade/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

<sup>36</sup> **Infográfico:** Entenda como a obesidade afeta seu corpo. Disponível em: <<http://extras.ig.com.br/infograficos/2012/saude/obesidade/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

A **SDR 1**, “Entenda como a obesidade afeta seu corpo”, constitui o título do infográfico em análise e sua formulação estabelece paralelismo morfológico com os enunciados “descubra seu índice de massa corporal” e “ou escolha uma categoria”, que se inscrevem nas três caixas de texto dispostas na FV da lâmina 1 - as três formulações verbais possuem núcleo verbal conjugado no modo imperativo afirmativo e na segunda pessoa pronominal do singular (você); além disso, a **SDR 1** conforma paralelismo sintático com os demais enunciados verbais – ambas as formulações seguem a estrutura verbo – sujeito referencial – adjunto adverbial de modo – complemento direto (VØAAdvCD).

A formulação verbal em VØAAdvCD mobiliza na memória discursiva uma estrutura morfossintática comum ao discurso publicitário/midiático: o verbo em imperativo, e na segunda pessoa do singular, ‘ordena’ ao sujeito-leitor cumprir/fazer determinada tarefa ou ação com fins a alcançar uma consequência X, ainda que seja um sentimento, uma emoção ou alguma forma de realização cognitiva. Dessa maneira, a **SDR 1** estabelece relação interdiscursiva com o discurso publicitário, reafirmando a constituição do DDC pela ordem de discurso da mídia. Por sua vez, o sujeito referencial pressupõe uma posição-sujeito-leitor apassivada frente ao imperativo do enunciado e ao pré-construído<sup>37</sup> de que, cumprindo a ordem do enunciado, X será alcançado.

Atentando à ordem estrutural VØAAdvCD, o CD ocupa o lugar da consequência X, ao passo que Ø exerce papel de dêitico: preenche-se na/pela leitura, quando o leitor assume a posição-sujeito-leitor de infográficos. A exemplo, trazemos manchetes/títulos de diferentes materialidades que circulam na mídia (notícia, artigo de opinião e infográfico) e que foram formuladas a partir da referida estrutura sintática:

V	Ø	AAdv	CD
Entenda	(você)	como	o índice glicêmico das frutas afeta o organismo <sup>38</sup>
Entenda	(você)	como	a eleição de Trump afeta a luta contra o racismo <sup>39</sup>
Entenda	(você)	como	uma orquestra funciona <sup>40</sup>

<sup>37</sup> Segundo Pêcheux, “face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (1999, p. 52).

<sup>38</sup> **Entenda como o índice glicêmico das frutas afeta o organismo.** Disponível em: <<http://www.correiadoestado.com.br/variedades/entenda-como-o-indice-glicemico-das-frutas-afeta-o-organismo/280911/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

<sup>39</sup> **Entenda como a eleição de Trump afeta a luta contra o racismo.** Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2016-11-20/trump-e-racismo.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

<sup>40</sup> **Entenda como uma orquestra funciona.** Disponível em: <<http://on.ig.com.br/som/2015-05-04/entenda-como-uma-orquestra-funciona.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

Frente ao núcleo verbal da **SDR 1**, compartilhado pelas formulações teste acima apresentadas, não existem possibilidades de não-entendimento para a posição-sujeito-leitor; para além, ‘entenda’ mobiliza um pré-construído de plenitude de informação, que, por sua vez, movimenta o imaginário de que ‘se eu ler **X**, entenderei tudo sobre **Y**’, seja **X** um texto de DC e **Y** determinada informação de um D1 reformulada em D2 (D2, no caso, é um infográfico).

Visando os aspectos tipológicos<sup>41</sup> da formulação verbal da **SDR 1**, são empregados dois tipos de fonte, uma primeira, sem serifa<sup>42</sup> de coloração branco, empregada nas palavras “entenda como a [...] afeta seu corpo”, e uma segunda, também não-serifada, arredondada e de coloração amarelo, utilizada na palavra “obesidade”; as formulações verbais estão dispostas em uma caixa de texto esférica de coloração preto. As cores preto e amarelo, juntas, mobilizam na memória discursiva imagens de placas de iminência de perigo, ao passo que as letras brancas em contraste monocromático deslocam a atenção para o amarelo. O leitor, dessa forma, desde o título é abordado a ficar em estado de alerta, afinal, é o ‘seu’ corpo que é afetado pela obesidade, e não “um” corpo.

Dito isso, o dêitico “seu” (pronomes possessivo), marca reversibilidade moderada na **SDR 1**, assim como “seu” pulveriza os sentidos de como a obesidade afeta o corpo devido ao efeito de particularização do enunciado, de que ele se referencia ao corpo de cada leitor. Essas marcas indiciam o *corpus* em análise como sendo do tipo polêmico em que, como definimos na seção 1.1, “a polissemia é controlada, negociada, e a reversibilidade se dá em certas condições”.

A **SD 1**, é constituída pela FV da lâmina 1, exceto pelas caixas de texto; sendo assim, nela, concorrem três subsecções discursivas (sd)<sup>43</sup>: **sd 1**, os três círculos em marca d’água; **sd 2**, corpo masculino; **sd 3**, corpo feminino. Como dito na seção 3.1, os três círculos que conformam a **sd 1** são distribuídos espacialmente na FV como um alvo, e, no seu centro, estão situadas as **sd 2** e **3**, estando a **sd 3** em posição posterior à **sd 2**. A **SD 1** é disposta sobre um fundo matizado, que vai de um tom escuro de laranja a um tom claro de amarelo; os corpos humanoides que compõem as **sd 1** e **2** são de cor branco-acinzentada e repetem a representação gráfica disposta nas lâminas 2 e 6, referentes ao sobrepeso (não categorizado como obesidade de acordo com o infográfico).

<sup>41</sup> Tipo de fonte e coloração da fonte.

<sup>42</sup> Serifas traços pequenos traços, ou prolongamentos, que ocorrem no fim do traço das letras.

<sup>43</sup> Embora esse termo não seja empregado por Quevedo, se faz necessário que o empreguemos devido ao recorte que operamos.



Assim, na FV da lâmina 1, embora a **SDR 1** sustente a ‘obesidade’ como núcleo nominal da oração, o corpo obeso não é discursivizado visualmente. Isso remete às palavras de Vigarello: “[o] gordo nasce mais cedo nas suas formas discretas, mas os casos ‘extremos’ não podem sequer ser olhados” (2012, p. 299). Devido à organização estrutural do infográfico, como um todo, entendemos que o corpo obeso, e a obesidade, é uma *éminence grise* (eminência gris, ou parda); é a ele que faz referência o estado de alerta indiciado pela **sd 1**, mas não lhe cabe ilustrar a lâmina primeira da textualidade, seu lugar é o segundo plano, a sombra, sua ordem é a do monstruoso.

A **sd 1**, por ser disposta em forma de alvo, determina os sentidos daquilo que é central e periférico na FV. No centro da **sd 1** temos os corpos, em sobrepeso, masculino e feminino, e, como já observamos, sua coloração é branco-acinzentada e o corpo masculino está posicionado à frente e sobreposto ao feminino. Embora tenhamos afirmado, anteriormente, que não trataríamos das questões de gênero, aqui, é imperioso que relevemos o papel secundário do feminino na historiografia do corpo e, até mesmo, no discurso do infográfico de DDC. A materialidade infografada, pautada em uma pretensa neutralidade ideológica, reafirma estereótipos de gênero socialmente determinados e, nela, se ratificam estigmas sociais: primeiro, o do lugar à frente, privilegiado, do corpo masculino; e, segundo, o da invisibilização à dupla potência do corpo obeso feminino.

Por sua vez, ainda, a representação gráfica do corpo masculino e feminino nas **sd 2** e **sd 3** movimenta a memória discursiva sobre o corpo obeso, que, segundo Vigarello, se desloca do nicho mundano para ocupar o seio das ciências biológicas e da saúde; os corpos mobilizam na memória cromática a cor de cadáver, e sua postura rija e feições neutras lembram a posição do consulente frente ao médico. O corpo, objetificado pelas ciências, se desumaniza, mas mesmo assim é interdito por convenções sociais que não deveriam interpelar a pretensa empiria científica: são apagados os mamilos femininos, o homem ganha roupas íntimas e seu braço, apenas na lâmina 1, recobre a “vulva” (ou o que viria a ser a) da mulher.

Voltando-nos, agora, à FV da lâmina 9, nos ateremos à interpretação das **SDR 2, 3, e 4** e à análise da **SD 2**. As SDR são a formulação verbal correspondente à sintomalogia do marcador-*link* localizado na parte superior da cabeça do corpo humanoide em eminência de obesidade mórbida, ao passo que a SD se constitui pela representação gráfica do corpo masculino “alvejado” por marcadores-*link*. As SDR são:

**SDR 2** “Sintomas: 2X mais risco”

**SDR 3** “De transtornos psíquicos como alterações de humor e de personalidade”



**SDR 4** “A ciência ainda não conseguiu definir se obesidade é a causa da doença ou o contrário”

A ordem sintática canônica do português brasileiro (PB) é Sujeito – Verbo – Complementos (SVC), o que, segundo a gramática descritiva, é argumento para considerar o PB como uma língua de tópico/comentário, sendo o tópico o ‘dado’, conhecimento compartilhado entre os falantes, e o comentário o ‘novo’, aquilo que se “adiciona” ao ‘dado’. Frente a essa contextualização, na **SDR 2** temos a estrutura

<b>Tópico</b>	<b>Comentário</b>
Sintomas:	2X mais risco

A oração nominal formulada na **SDR 2** aloca, hierarquicamente, o sintagma ‘Sintomas’ como núcleo nominal, ao passo que o aposto “2X mais risco” quantifica o nome. A formulação verbal expressa na **SDR 2** é repetida em todos os demais marcadores, sendo alterados, apenas, o numeral e o sinal de vezes (X) por outro numeral, ou, ainda, outro numeral e o sinal de por cento (%). Essa construção interior ao discurso do infográfico atualiza a memória discursiva de que o corpo obeso, o da ordem da ciência – medido em escalas, é numericamente mensurável e sua condição é patológica.

A **SDR 2** é complementada pela **SDR 3**, que determina o sintoma previamente quantificado. Reparando sua estrutura sintática, da **SDR 3**, temos o início da oração com a preposição ‘de’, que configura a **SDR 3** como complemento nominal de ‘risco’. Nesse processo de mirar o intradiscurso, notamos que a oração “Sintomas: 2X mais risco de transtornos psíquicos como alterações de humor e de personalidade” é uma construção nominal, em que o verbo ‘ter’, em sua forma infinitiva, é apagado da estrutura sintática. Ele ocuparia a posição “risco de **ter** transtornos psíquicos”, solicitada pela regência nominal.

O apagamento do verbo, assim, mobiliza possíveis efeitos de sentido; dentre eles, destacamos o de não-discursivização do corpo. O sintagma risco exige que haja um ‘sujeito em risco’ e que o ‘haja o risco de algo’; diante do apagamento do sintagma verbal, nulifica-se a possibilidade de um corpo-sujeito, sobrando, apenas, o risco *per se*. Esse equívoco, ao nível da formulação verbal, desloca a obesidade como uma condição do corpo para situá-la, apenas, no nível do sintoma, da patologia. Dessarte, a **SDR 3** mobiliza, uma vez mais, o efeito de sentido de que o corpo obeso é impossível de ser discursivizado, ou, melhor, a obesidade é da ordem da patologia, e dos sintomas, e não do corpo.

A nível de apresentação tipológica, tanto a **SDR 2** quanto a **SDR 3** são formuladas em fonte não serifada; a primeira é escrita em caixa alta, ao passo que a segunda é escrita em caixa baixa; essa distinção demarca a formulação hierárquica das informações, em que o tópico recebe mais ênfase, e o comentário não. Já, na **SDR 4**, se mantém a mesma tipologia e a caixa baixa, entretanto, o enunciado verbal recebe destaque em itálico.

Diferentemente da relação de sentido hierárquica mobilizada pelo destaque entre as **SDR 2** e **3**, o mesmo não se aplica à relação entre **SDR 2/SDR 3** e **SDR 4**. O itálico distancia o que é enunciado do divulgador e do que é enunciado da Ciência. Quando a **SDR 4** afirma que “A ciência ainda não conseguiu definir” se o sintoma apresentado na **SDR 3** é categórico, “verdadeiro”, se estabelece contradição entre a FD da forma-sujeito divulgador e a FD da Ciência, o que afere à **SDR 3** sentido de sensacionalismo, ao passo que confere à **SDR 4** autoridade para contradizer a sua antecessora.

A contradição desvelada entre o discurso das **SDR 2/SDR 3** e **SDR 4** permite observar que a heterogeneidade enunciativa do DDC não é, necessariamente, de superposição do D2 sobre o D1. Dessa forma, a função básica do texto de DC, preconizada por Authier-Revuz (1999), a de operar como medianeira da interlocução entre ciência e público-leitor, de tornar acessíveis novos saberes advindos da inovação em ciência, não é plenamente atendida pelo infográfico em análise, embora seja notada a “regularidade [d]o estabelecimento, através destas inumeráveis formas de heterogeneidade mostrada, [...] [de] um caminho de *vaivém* entre esses dois discursos” (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 13, grifo da autora) – o da DC e o da Ciência.

Diferente da **SD 1**, a **SD 2** é formulada a partir da representação imagética de apenas um corpo obeso – o masculino; também, os círculos que outrora eram dispostos em marca d’água, agora, são nítidos, a exceção do terceiro círculo, o externo. Por todo o corpo estão distribuídos marcadores-*link*, que trazem informações relacionadas à sintomalogia da obesidade para a parte do corpo a que estão “pegados”.

Mais uma vez, os círculos concêntricos evocam na memória visual a figura de um alvo, e, agora, o corpo, seu centro, está alvejado pelos marcadores em preto e branco. O preto e o branco dos marcadores recuperam na memória cromática<sup>44</sup> o jogo de dardos. A FV da **SD 2**, assim, particulariza o “estado de alerta”, anteriormente referido, para o corpo-alvo; dessa maneira, o infográfico reafirma a memória da opressão sofrida pelo sujeito-obeso, em processo de diminuição de seu corpo e de sua visibilidade social. Os dardos da patologização lhe

---

<sup>44</sup> Conforme Courtine “toda imagem se inscreve em uma cultura visual, e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens” (apud MILANEZ, 2006, p 95), inscrita na memória discursiva; por sua vez, a memória cromática corresponde à memória das cores.

descaracterizam o que resta de humano em sua morbidez, fazendo seu corpo significar, somente, no campo do “inominável, [...] [d]aquilo que só o olhar científico consegue encarar” (VIGARELO, 2012, p. 299).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pretensa introdução que traçamos, à abertura do presente trabalho, identificamos uma dupla demanda acerca do estudo de infográficos: primeira, a de um dispositivo de análise que abarque o seu caráter multimaterial; segunda, de acordo com Nunes (2012), de que são recorrentes as investigações que tratam da produção de infográficos, porém, são poucas as pesquisas que refletem acerca da sua prática de leitura. Diante delas, construímos nosso objetivo geral: o de realizar um exercício conceitual-metodológico de leitura da materialidade infografada a partir dos pressupostos epistemológicos da AD de filiação pècheuxtiana, tal como vem sendo desenvolvida no Brasil.

Pautados nos trabalhos de Nunes (2012) e Quevedo (2012), que versam, respectivamente, sobre a geometrização do dizer e o estatuto da imagem na AD, alçamos mãos a duas noções distintas de infográfico: primeira, para Nunes, a de que o infográfico se constitui pela imbricação material entre duas materialidades significantes, formuladas por meio de movimentos de esquematização; segunda, a partir da leitura de Quevedo, embora o autor não se ocupe de tal materialidade, a de que o infográfico é um texto sincrético, e, logo, as materialidades não funcionam pela imbricação, mas sim por um contínuo em determinada FV.

Por meio dessas considerações, delimitamos nosso *corpus* de análise – o infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo*; representativo do repositório de infográficos do IG. A partir dessa delimitação, operamos um recorte na constituição do *corpus* discursivo, seccionando-o em quatro SDR e em duas SD. O discurso em análise foi dessuperficializado a partir do construto conceitual-metodológico de Nunes e de Quevedo. A partir das análises, depreendemos que atentar apenas à formulação da geometrização do dizer relega à margem a exterioridade do discurso, e, assim, aos efeitos de sentido dela decorrentes. Assim, justificamos a necessidade de recuperar em Quevedo o estudo de textos sincréticos, que nos permitiu transitar entre a formulação visual e a formulação verbal, bem como transcendê-las para acessar o interdiscurso e as formações discursivas.

Diante dos movimentos de esquematização, analisados na seção 3.2, constatamos que os movimentos de *zig-zag* e *click-link-zoom* e a distribuição espacial em *funil*, prototípicas dos infográficos, segundo Nunes (2012), não são verificáveis em todas as materialidades infografadas, ao menos em nosso *corpus*. Por sua vez, embasar o gesto de leitura pelo viés da gestão dos sentidos do texto sincrético, na seção 3.3, nos possibilitou liberdade de análise para além do intradiscurso; por meio do construto conceitual-metodológico de Quevedo (2012) foram problematizadas, por exemplo, a contradição estabelecida pela heterogeneidade

mostrada, entre as FD Ciência e FD de DC – o que não conseguimos atentar a partir da geometrização do dizer.

As análises traçadas, ainda, possibilitaram compreender o *corpus*, por nós, eleito como representativo do arquivo de infográficos do IG. Conforme Mittmann (2014, p. 37), em citação apresentada previamente, o arquivo pende “determinação do que pode e deve ser dito e a transformação”. A determinação do dizer é observada pela reafirmação de determinadas formulações e discursos provenientes do DDC, como o do corpo obeso enquanto objeto, estrito, das ciências da saúde, ao passo que a transformação opera quando, por exemplo, essas mesmas formulações estabelecem novos contínuos de esquematização, rompendo com uma geometrização pré-estabelecida.

É entre essa relação ambígua entre determinação e a transformação e, ainda, aquilo que pode e deve ser arquivado (ROMÃO, apud MITTMANN, 2014) que se seleciona aquilo que deve circular em público e aquilo que deve ser escondido. No caso do infográfico *Entenda como a obesidade afeta seu corpo*, aquilo que deve ser silenciado, não-discursivizado, é o próprio corpo obeso, omitido na lâmina de apresentação, e alvejado pelos marcadores de sintoma nas demais. Ratificam-se as palavras de Vigarello: “[o] gordo nasce mais cedo nas suas formas discretas, mas os casos ‘extremos’ não podem sequer ser olhados. (2012, p. 299).

Ao encerramento da nossa escrita, não apelaremos ao comum efeito de fechamento, mas sim a um efeito de abertura: movimentar a percepção entre a materialidade infografada e o DDC sobre o corpo obeso indicou futuras pesquisas. Evidenciamos, aqui, a urgência de atentar aos problemas de gênero imbricados ao DDC sobre o corpo, e, ainda, a necessidade de aprofundar nosso olhar para a heterogeneidade enunciativa como constitutiva do DDC.

Quebrando protocolos, trazemos à baila o poema 6 da *Canção do ver*, de Manuel de Barros, que, para nós, denuncia o fazer analítico em AD:

Desde sempre parece que ele fora preposto a pássaro.  
 Mas não tinha preparatórios de uma árvore  
 Pra merecer no seu corpo ternuras de gorjeios.  
 Ninguém de nós, na verdade, tinha força de fonte.  
 Ninguém era início de nada.  
 A gente pintava nas pedras a voz.  
 E o que dava santidade às nossas palavras era  
 a canção do ver!  
 Trabalho nobre aliás mas sem explicação  
 Tal como costurar sem agulha e sem pano.  
 Na verdade na verdade  
 Os passarinhos que botavam primavera nas palavras

Manuel de Barros, *Canção do ver*, Poemas rupestres

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. Observação sobre uma categoria: “Processo sem sujeito nem fim(s)”. In: \_\_\_\_\_. **Posições**. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- ARAUJO, N. M. Caloi para crianças: análise discursiva de propagandas infantis. In: SILVA, R. S. da.; CARVALHO, M. de S.; ARAUJO, N. M.; SILVEIRA, R. R. P.; BRETANHA, S. F. **Discurso, Mídia e Escola: da pesquisa às práticas de leitura e interpretação na educação básica**. São Leopoldo: Todas as Musas, 2017, p. 16-27, no prelo.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- \_\_\_\_\_. **Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Unicamp, 1998.
- \_\_\_\_\_. Dialogismo e Divulgação científica. **RUA-NUDECRI**. Campinas, nº.5, p. 9-15, março, 1999.
- BAALBAKI, A. C. F. **A revista Ciência Hoje das Crianças e o discurso de divulgação científica: entre o ludicismo e a necessidade**. Niterói: UFF, 2010. 308 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2010.
- BRETANHA, S. F.; SILVA, R. S. Textualidades multimateriais: a produção dos sentidos no discurso do infográfico. In: XII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul (XII CELSUL), 2016, Santa Maria. **Anais do XII Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - XII Encontro do CELSUL**, 2016. v. 1. p. 332-332.
- CARVALHO, J; ARAGÃO, I. Infografia: conceito e prática. **Infodesign**. São Paulo, v. 9, n. 3, p. 160-177, 2012.
- CAZARIN, E. A. O enunciado “eu não tenho medo da mudança” e sua relação com a memória do dizer. In: **Investigações: lingüística e teoria literária**. Recife: UFPE, V.18, p 227-243, jul, 2005.
- COURTINE, J-J. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.
- DE PABLOS, J. M. **Infoperiodismo: el periodista como creador de infografía**. Madrid: Editorial Sintesis, 1998.
- ERNST, A. G. A construção do corpo através do discurso. Escatologias no espaço Escolar. In: IV Congresso Latinoamericano de estudios del discurso, 2005, Santiago do Chile. **Actas del Encuentro**, 2005a, v. 1.
- \_\_\_\_\_. Corpo, Discurso e Subjetividade. In: II Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2005, Porto Alegre. **Anais do II SEAD**, 2005b, v. 1.

\_\_\_\_\_. Corpo, discurso e subjetividade. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.). **Análise do discurso no Brasil**. Mapeando conceitos, confrontando limites. 1ª ed. Porto Alegre - RS: Claraluz, 2007, v. 01, p. 135-144.

\_\_\_\_\_. Escrituras sobre o corpo na escola. In: LEFFA, V.; ERNST, A. (Org.). **Linguagens: metodologias de ensino e pesquisa**. 1ª ed. Pelotas/RS: EDUCAT, 2012, v. 1, p. 43-58.

FERREIRA, M. C. L. O caráter singular da língua na análise de discurso. In: **Organon**. v.17, n. 35, 2003, p. 190-200.

\_\_\_\_\_. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. In: FERREIRA, M.C.L; INDURSKY, F. (Orgs). **Michel Pêcheux & Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 13-22.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**, Porto Alegre, v.24, n.48, p.17-34, jan./jun. 2010.

GRIGOLETTO, E. **O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar**. 2005. 267 f. Tese (Doutorado em Letras) Instituto de Letras, UFRGS, Rio Grande do Sul.

LAGAZZI, S. O recorte significante na memória. In: INDURSKY, F. et al. (orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009.

MITTMANN, S. Formação discursiva e autoria na produção e circulação de arquivos. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 9, 2014, p. 31-40.

NUNES, S. R. **A geometrização do dizer no discurso do infográfico**. 2012, 197 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, 2012.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar. **Linguística: questões e controvérsias**. Uberaba, FIUBE, 1984, p. 9-26.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. Divulgação Científica e efeito-leitor: uma política social urbana. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **Produção e Circulação do Conhecimento**. v.1. Campinas: Pontes, 2001b, p. 21-30.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ed. Campinas: Pontes, 2003b.

\_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 4ed. Campinas, SP: Pontes: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA** [online], v. 2, n. 16, 2010, p. 5-17.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: Achard, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-59.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas: editora da UNICAMP, 2014.

\_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento?. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015.

QUEVEDO, M. Q. de. **Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos**: um exercício de análise da imagem com base na análise de discurso. 2012. 253f. Dissertação. (Mestrado em Letras - Linguística Aplicada) Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

RAJAMANICKAM, V. 2005. **Infographics Seminar Handout**. Disponível em: <[http://www.schrockguide.net/uploads/3/9/2/2/392267/infographic\\_handout.pdf](http://www.schrockguide.net/uploads/3/9/2/2/392267/infographic_handout.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2016.

VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no ocidente. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

ZAMBONI, L. **Heterogeneidade e subjetividade no discurso de divulgação científica**. 1997, 200f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas.



## ANEXOS

### ANEXO 1 – LÂMINA 1

DESCUBRA SEU **ÍNDICE DE MASSA CORPORAL**

PESO

ALTURA

SEXO

COMEÇAR

OU ESCOLHA UMA **CATEGORIA**

ENTENDA COMO A **OBESIDADE** AFETA SEU CORPO

The image shows a digital interface for a BMI calculator. It features a central 3D model of a female figure. To the left of the figure are three input fields labeled 'PESO', 'ALTURA', and 'SEXO', and a 'COMEÇAR' button. To the right are four circular icons representing different body types, with the text 'OU ESCOLHA UMA CATEGORIA' above them. At the bottom, a black circle contains the text 'ENTENDA COMO A OBESIDADE AFETA SEU CORPO'. The background is a vibrant yellow with a subtle pattern of concentric circles.

ENTENDA COMO A **OBESIDADE** AFETA SEU CORPO

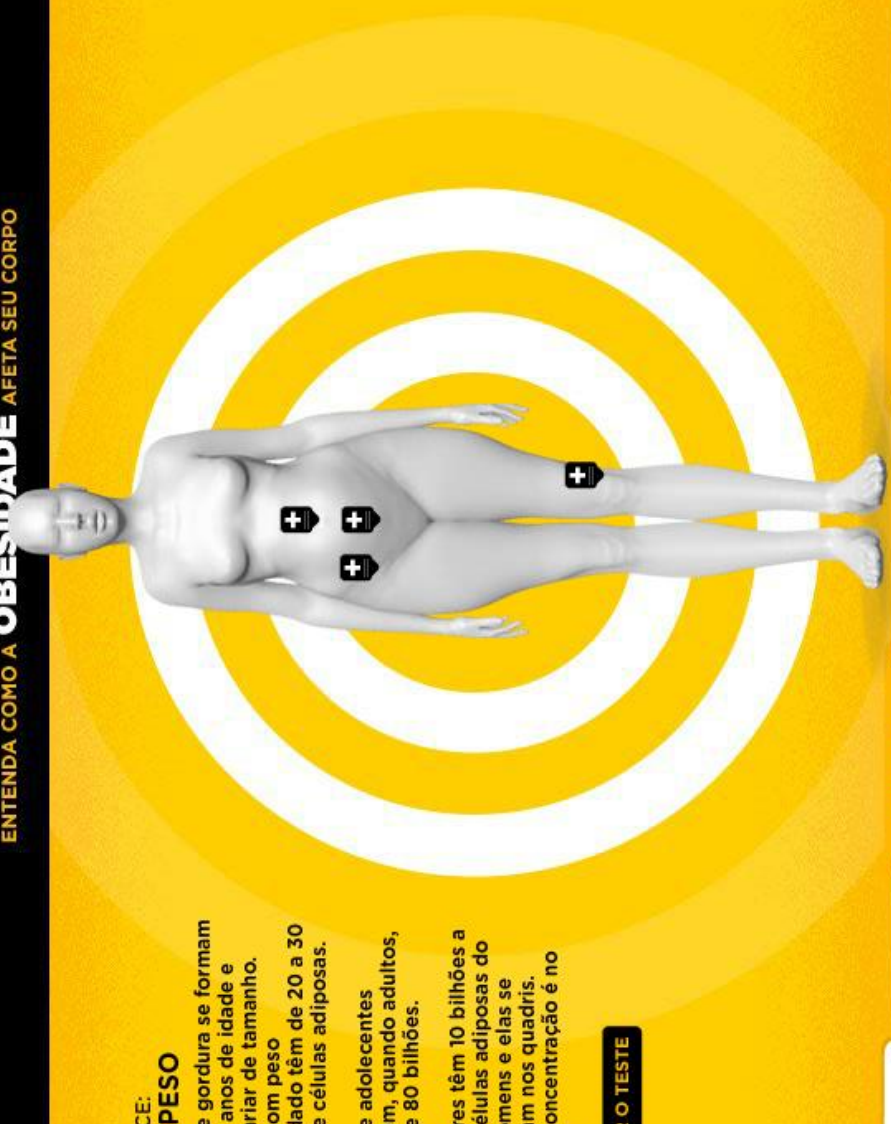
SEU ÍNDICE:  
**SOBREPESO**

Células de gordura se formam até os 20 anos de idade e podem variar de tamanho. Pessoas com peso recomendado têm de 20 a 30 bilhões de células adiposas.

Crianças e adolescentes obesos têm, quando adultos, entre 60 e 80 bilhões.

As mulheres têm 10 bilhões a mais de células adiposas do que os homens e elas se concentram nos quadris. Nelas, a concentração é no abdome.

**REFAZER O TESTE**



FONTE

MÓRBIDA  
CLASSE III

GRAVE  
CLASSE II

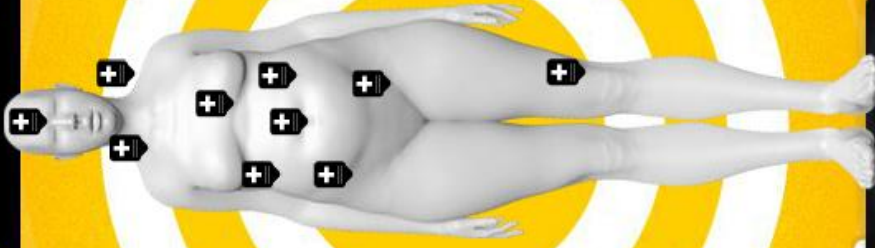
MODERADA  
CLASSE I

**SOBREPESO**

ENTENDA COMO A **OBESIDADE** AFETA SEU CORPO

SEU ÍNDICE:  
**OBESIDADE MODERADA**  
Células de gordura se formam até os 20 anos de idade e podem variar de tamanho. Pessoas com peso recomendado têm de 20 a 30 bilhões de células adiposas. Crianças e adolescentes obesos têm, quando adultos, entre 60 e 80 bilhões. As mulheres têm 10 bilhões a mais de células adiposas do que os homens e elas se concentram nos quadris. Neles, a concentração é no abdome.

REFAZER O TESTE



FONTES

SOBREPESO

MODERADA  
CLASSE I

GRAVE  
CLASSE II

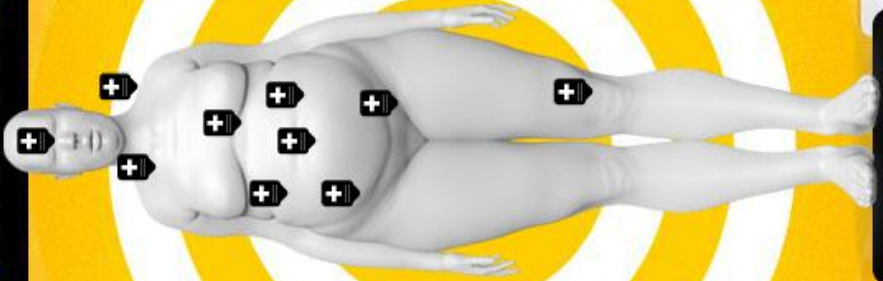
MÓRBIDA  
CLASSE III



ENTENDA COMO A **OBESIDADE** AFETA SEU CORPO

SEU ÍNDICE:  
**OBESIDADE GRAVE**  
Células de gordura se formam até os 20 anos de idade e podem variar de tamanho. Pessoas com peso recomendado têm de 20 a 30 bilhões de células adiposas. Crianças e adolescentes obesos têm, quando adultos, entre 60 e 80 bilhões. As mulheres têm 10 bilhões a mais de células adiposas do que os homens e elas se concentram nos quadris. Neles, a concentração é no abdome.

**REFAZER O TESTE**



FONTES

**SOBREPESO** CLASSE I

**MODERADA** CLASSE I

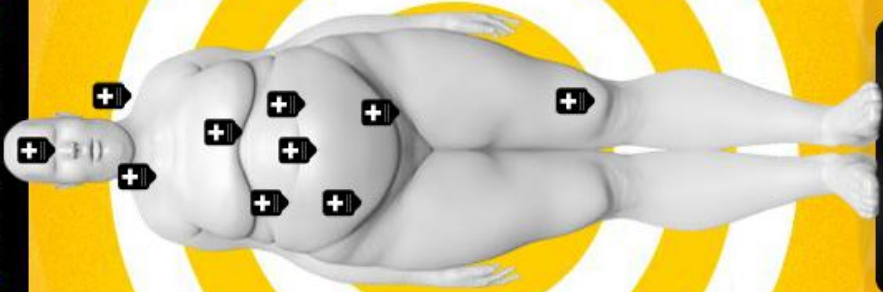
**GRAVE** CLASSE II

**MÓRBIDA** CLASSE III

ENTENDA COMO A **OBESIDADE** AFETA SEU CORPO

SEU ÍNDICE:  
**OBESIDADE MÓRBIDA**  
Células de gordura se formam até os 20 anos de idade e podem variar de tamanho. Pessoas com peso recomendado têm de 20 a 30 bilhões de células adiposas. Crianças e adolescentes obesos têm, quando adultos, entre 60 e 80 bilhões. As mulheres têm 10 bilhões a mais de células adiposas do que os homens e elas se concentram nos quadris. Neles, a concentração é no abdome.

REFAZER O TESTE



FONTES

**SOBREPESO** CLASSE I  
**MODERADA** CLASSE II  
**GRAVE** CLASSE II  
**MÓRBIDA** CLASSE III

ENTENDA COMO A **OBESIDADE** AFETA SEU CORPO

SEU ÍNDICE:  
**SOBREPESO**

Células de gordura se formam até os 20 anos de idade e podem variar de tamanho. Pessoas com peso recomendado têm de 20 a 30 bilhões de células adiposas.

Crianças e adolescentes obesos têm, quando adultos, entre 60 e 80 bilhões.

As mulheres têm 10 bilhões a mais de células adiposas do que os homens e elas se concentram nos quadris. Nelas, a concentração é no abdome.

**REFAZER O TESTE**

FONTES

MÓRBIDA  
CLASSE III

GRAVE  
CLASSE II

MODERADA  
CLASSE I


**SOBREPESO**



ENTENDA COMO A **OBESIDADE** AFETA SEU CORPO

SEU ÍNDICE:  
**OBESIDADE MODERADA**  
Células de gordura se formam até os 20 anos de idade e podem variar de tamanho. Pessoas com peso recomendado têm de 20 a 30 bilhões de células adiposas. Crianças e adolescentes obesos têm, quando adultos, entre 60 e 80 bilhões. As mulheres têm 10 bilhões a mais de células adiposas do que os homens e elas se concentram nos quadris. Nelas, a concentração é no abdome.

REFAZER O TESTE



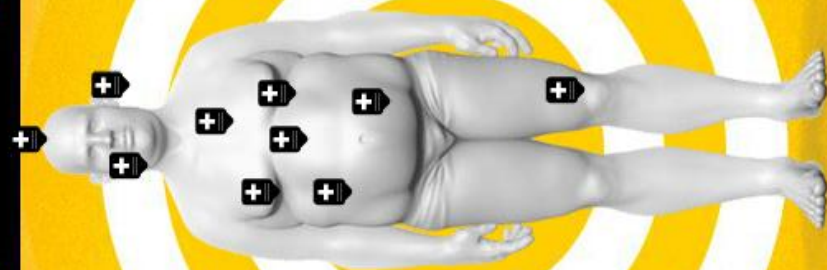
FONTES

SOBREPESO      MODERADA      GRAVE      MÓRBIDA  
CLASSE I      CLASSE II      CLASSE III

ENTENDA COMO A **OBESIDADE** AFETA SEU CORPO

SEU ÍNDICE:  
**OBESIDADE GRAVE**  
Células de gordura se formam até os 20 anos de idade e podem variar de tamanho. Pessoas com peso recomendado têm de 20 a 30 bilhões de células adiposas. Crianças e adolescentes obesos têm, quando adultos, entre 60 e 80 bilhões. As mulheres têm 10 bilhões a mais de células adiposas do que os homens e elas se concentram nos quadris. Neles, a concentração é no abdome.

REFAZER O TESTE



FONTES

SOBREPESO  
MODERADA  
CLASSE I

GRAVE  
CLASSE II

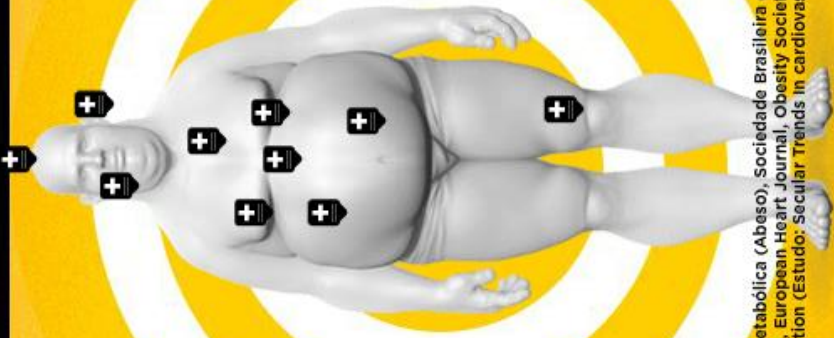
MÓRBIDA  
CLASSE III



**ENTENDA COMO A OBESIDADE AFETA SEU CORPO**

**SEU ÍNDICE:**  
**OBESIDADE MÓRBIDA**  
 Células de gordura se formam até os 20 anos de idade e podem variar de tamanho. Pessoas com peso recomendado têm de 20 a 30 bilhões de células adiposas.  
 Crianças e adolescentes obesos têm, quando adultos, entre 60 e 80 bilhões.  
 As mulheres têm 10 bilhões a mais de células adiposas do que os homens e elas se concentram nos quadris. Neles, a concentração é no abdome.

**REFAZER O TESTE**



**FONTES**  
 Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (Abeso), Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD), Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), European Heart Journal, Obesity Society, American Association for the Study of Obesity, Organização Mundial de Saúde, The Journal of the American Medical Association (Estudo: Secular Trends in cardiovascular disease Risk Factors according to Body Mass Index in US Adults), Sociedade Brasileira de Reumatologia

**SOBREPESO**

**MODERADA**

**GRAVE**

**MÓRBIDA**

CLASSE I

CLASSE II

CLASSE III